

Aprovado
NOTA (A)
aprovado

Aprovado
A
Adante

U. F. R.
BIBLIOTECA
- IPPUR -

ANA HELENA DA ROSA E SILVA ESTEVES

Aprovado
A
Adg

AVENIDA CENTRAL

A RECONSTRUÇÃO DO COTIDIANO URBANO

TRABALHO DE FINAL DE CURSO
REALIZADO PARA O CURSO DE "PLANEJAMENTO E USO DO SOLO URBANO"
MINISTRADO PELO
INSTITUTO DE PESQUISA EM PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL - IPPUR -
UFRJ.

RIO DE JANEIRO, JULHO DE 1988

"NÃO TEM SENTIDO LIVRARMO-NOS DO PASSADO PARA PENSAR APENAS NO FUTURO. ATE O FATO DE NISTO SE ACREDITAR E JA UMA ILUSAO PERIGOSA. A OPOSIÇÃO ENTRE O FUTURO E O PASSADO E ABSURDA. O FUTURO NAO NOS TRAZ NADA, NAO NOS DA NADA; SOMOS NOS QUE, PARA O CONSTRUIR, LHE TEMOS DE DAR TUDO, DAR-LHE ATE A NOSSA VIDA. MAS PARA DAR, E NECESSARIO POSSUIR, E NOS NAO POSSUIMOS OUTRA VIDA, OUTRO SANGUE ALEM DOS TESOUROS HERDADOS DO PASSADO E DIRIGIDOS, ASSIMILADOS, RECRIADOS POR NOS. ENTRE TODAS AS EXIGENCIAS DA ALMA HUMANA, NENHUMA E MAIS VITAL QUE A DO PASSADO."

SIMONE WEIL, "A PRIMEIRA RAIZ"

SUMARIO

INTRODUÇÃO

PARTE 1

RIO DE JANEIRO: A CAPITAL DA REPUBLICA

PARTE 2

AVENIDA CENTRAL: A RECONSTRUÇÃO DE UM COTIDIANO

CONCLUSÃO

BIBLIOGRAFIA



Quiosque

AGRADECIMENTOS

A RICARDO PELA AJUDA TECNICA

A FRANKLIN DIAS COELHO PELO APOIO

A MONICA GONDIM DE FREITAS PELA AMIZADE

A LUIZ CESAR DE QUEIROZ RIBEIRO POR TER SUGERIDO O TEMA E
POR TER CONTRIBUIDO PARA A VIABILIZAÇÃO DESTE TRABALHO.

INTRODUÇÃO

Ao denominarmos esta monografia de " AVENIDA CENTRAL: A RÉCONSTRUÇÃO DE UM COTIDIANO" tínhamos em mente traçar um perfil do dia a dia na cidade do Rio de Janeiro nas três primeiras décadas do século vinte. A intenção inicial era delinear as transformações ocorridas no espaço da cidade a partir da reforma urbana capitaneada pelo Prefeito Pereira Passos até o não concretizado "Plano de Remodelação, Extensão e Embelezamento da cidade do Rio de Janeiro" de A. Agache (1928) e, concomitantemente, analisar a forma como a atuação do poder público sobre o urbano se refletiu nas práticas sócio - culturais da população carioca como um todo.

Dada a abrangência do estudo que, entre outras questões, aborda a questão da habitação e do saneamento, além de incluir, preferencialmente e em conexão com as duas primeiras, os múltiplos aspectos da vida cotidiana - das formas de lazer ao mercado de trabalho informal - e por ser referir a um período da história da cidade em que o poder público teve forte atuação sobre o seu espaço físico e, paralelamente - através de legislação específica - sobre os costumes vingentes, restringimos a pesquisa a uma obra realizada sob o patrocínio do poder público que exemplificasse o momento de transformação pelo qual passava a sociedade carioca. Na escolha da AVENIDA CENTRAL levamos em consideração que esta resultou no atendimento de demandas específicas dos setores econômicos mais atuantes ;

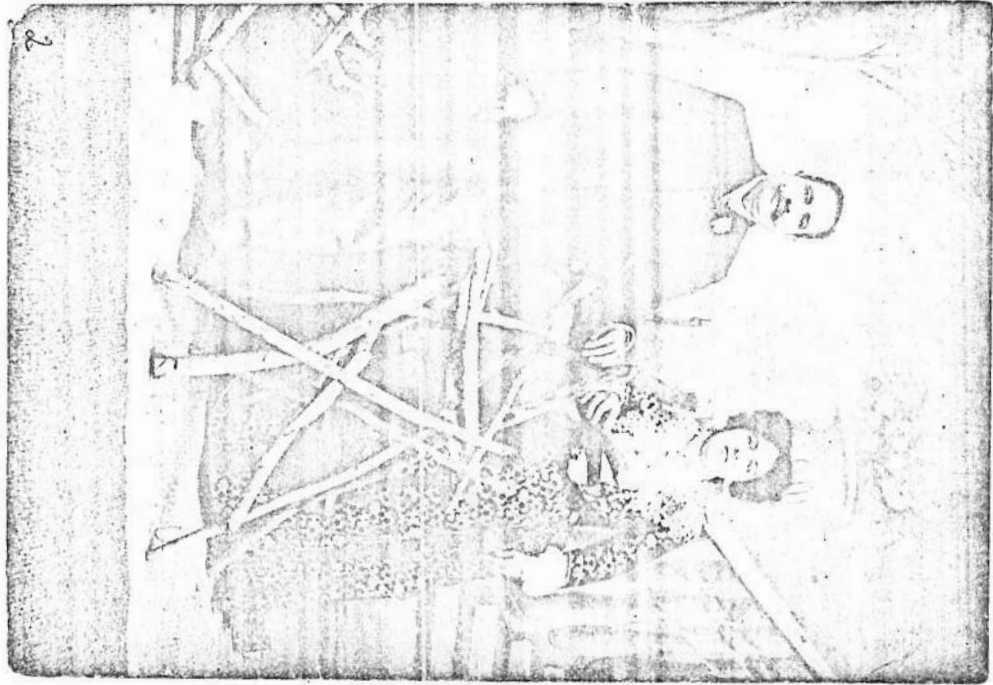
por ter, principalmente em sua fase de construção, afetado a vida cotidiana de milhares de pessoas - entre outros por colocar abaixo centenas de moradias coletivas; por ter se transformado no palco dos grandes espetáculos - como o carnaval -; por ser a via por onde transitava a "melhor sociedade" atraída pela qualidade do seu comércio; por ter se transformado no local da moda por onde transitava uma parcela da população que até então pouco frequentava as ruas; por ter sido o uso do seu espaço restringido à atividades condignas com o seu papel de vitrine da cidade. A AVENIDA CENTRAL preenche, assim, os requisitos necessários para atuar como "gancho" para a elaboração de um panorama da sociedade carioca durante a república velha.

Para a elaboração deste panorama dividimos o texto em duas partes distintas: na primeira, cumprindo a função de introdução, um breve resumo que inclui as principais interferências do poder público sobre o espaço da cidade correlacionado com os fatores econômicos preponderantes que, em última análise, direcionaram, direta ou indiretamente, os rumos das reformas, concomitantemente procuramos detectar as relações entre a conjuntura política e a forma pela qual estas reformas se concretizaram e, na segunda, tendo por fio condutor a abertura da AVENIDA CENTRAL, as implicações decorrentes da atuação do poder público sobre o modo de vida da população local. Nesta última parte a linguagem coloquial utilizada objetiva propiciar uma melhor compreensão da forma pela qual era expressada, nos periódicos da época - nossa principal fonte de consulta - , a visão dos articulistas sobre as ocorrências políticas, econômicas e/ ou sociais que

caracterizaram o período estudado.

Queremos ainda ressaltar que este texto não tem a pretensão de levantar novas questões teóricas sobre a problemática urbana, mas de ser apenas o fruto de certo trabalho de reflexão, de documentação e de pesquisa sobre o significado da vida no urbano.

1061



PARTE 1

RIO DE JANEIRO : A CAPITAL DA REPUBLICA

A primeira década do século vinte se caracteriza, no Brasil, por um momentâneo saneamento financeiro, levado a cabo por Campos Sales (1898 - 1902) e por um amplo processo de modernização posto em prática por Rodrigues Alves e Afonso Pena. Somente uma década depois de sua proclamação pode a Republica ser coerrente com seu próprio lema : " ORDEM E PROGRESSO ".

A instauração da República, embora precedida por um movimento de ideias e por um esforço organizacional que já vinha de algumas décadas e que repercute com maior intensidade ao termino da guerra do Paraguai, teve caráter abrupto, resultando de um golpe militar. A democracia de notáveis do imperio constituía, sob a regencia do poder moderador, um sistema de representação do patriciado rural e da burguesia urbana, assentada sobre a manipulação clientelística da incipiente classe média, na passividade sócio - política das massas rurais, mantidas formalmente em condição servil e no não engajamento das massas urbanas no sistema de representação política.

Com Deodoro, um pequeno círculo de militares adeptos da doutrina positivista e de republicanos históricos se apoderaram do poder, sob a legitimação da nova ideologia republicana,

excluindo a velha classe política sem representar, efetivamente, nenhum importante estrato da sociedade. Entregue a seu próprio curso, o poder pessoal de Deodoro (15/11/89 'a 23/11/91) como expressão ad hoc, em situação de crise tendera a restabelecer, sob nova modalidade, a influencia dos notáveis, como ja fazia presentir o golpe de estado (3/11/91) da Barão de Lucena.

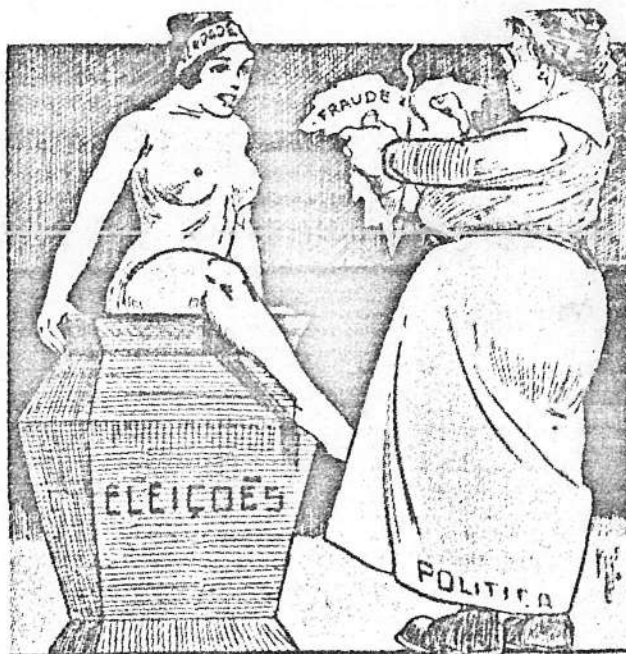
A originalidade do governo de Floriano (23/11/91 à 15/11/94) constitui em sua tentativa de se apoiar na incipiente classe média urbana, em oposição aos notáveis e aos interesses que estes representavam, impondo, em nome da pureza republicana, um jacobinismo cívico-militar que se auto-legitimava e tenderia a se manter por cooptação. Havia, entretanto, nesse jacobinismo republicano, uma contradição entre seus dois termos. Se prevalecesse o princípio jacobino, teria de se impor a ditadura ideológica do positivismo - com seu infimo estrato de apoio na classe média urbana - antecipando de varias décadas modelos como o de Kemal Paçka.

As condições da época excluíam, praticamente, a segunda alternativa. Com Prudente de Moraes se restabelece o poder dos notáveis, a forma civil de governo e a reinserção gradual da velha classe política. Eleito pelo partido republicano federal, do senador Glicério, Prudente logra, no fim do seu governo, retirar - lo do comando político do congresso, impondo um início de presidencialismo, apoiado pelos governos estaduais.

Campos Sales, a partir do governo de São Paulo, reorganiza o partido republicano e , com o apoio de Prudente, se elege seu sucessor. De Prudente o novo governo herda a estabilidade

política, um começo de presidencialismo, apoiado nos situacionismos estaduais, mas também uma situação financeira de pesada dívida externa e grandes desequilíbrios orçamentários, que exprimiam as graves perturbações dos primeiros anos da república. O governo Campos Sales renegocia a dívida externa e, sob o preço de uma maior dependência do capital financeiro internacional é obtida uma trégua econômica. Essa situação seria aproveitada para um reaparelhamento da economia, a estabilidade momentaneamente obtida permitindo um primeiro acerto entre as elites no novo sistema político.

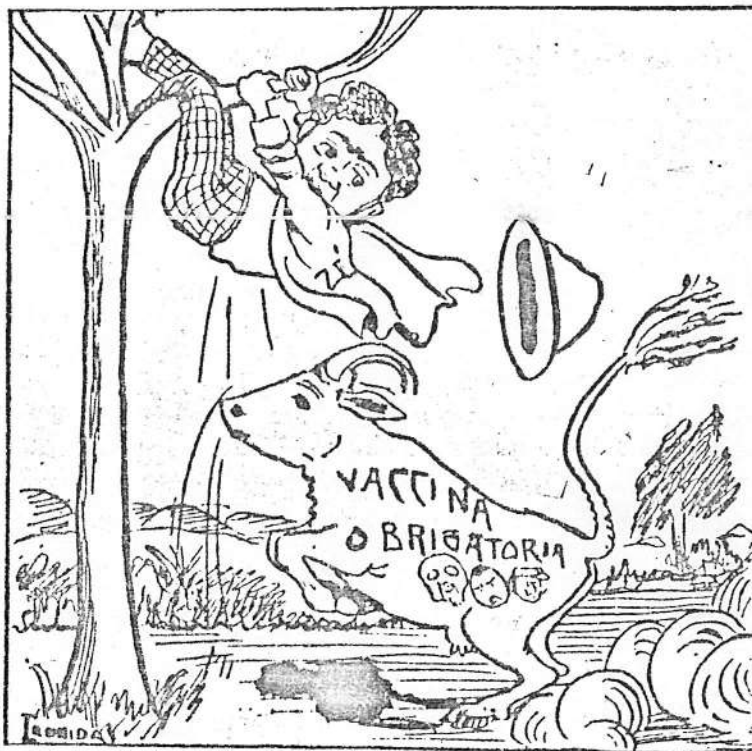
EM TODA A REPUBLICA VELHA
AS ACUSAÇÕES DE FRAUDE
ELEITORAL FORAM CONSTANTES.
A CARICATURA DE K. LIXTO MOSTRA
ESSA SITUAÇÃO: A VERDADE ELEITORAL
VAI SAIR NUA DAS URNAS, MAS A VELHA
POLITICA ESTA PRONTA PARA
TAPAR AS FORMAS DA VERDADE,
COM UMA FOLHA.



Se Campo Sales termina seu mandato sob o repúdio das classes populares urbanas, principais vítimas de sua política econômica de forte taxação sobre o consumo, o estado republicano estava provisoriamente consolidado com o apoio das oligarquias estaduais, obtido no pacto entre governadores em torno do governo central, sendo estabelecidas relações pertinentes ao sistema de controle e distribuição do poder, em um arranjo político que duraria até 1930. Rodrigues Alves receberia, ao suceder Campos Sales, novos empréstimos - ingleses - negociados por seu antecessor, permitindo que seu ministro da fazenda, Leopoldo Bulhões, definisse uma política de consolidação das finanças, investindo em estradas de ferro e nos portos, comprando navios de guerra, fazendo alguns gastos suntuosos e remodelando a cidade do Rio de Janeiro, centro vital do país. (1)

Para a direção das obras de remodelação, embelezamento e saneamento da capital é indicado o prefeito Pereira Passos, que assume com poderes extraordinários, governando os primeiros meses com o conselho municipal fechado. Em síntese as obras visavam : a remodelação do porto da cidade, facilitando seu acesso pelo prolongamento dos ramais da central do Brasil e da Leopoldina; a abertura da avenida Rodrigues Alves; a construção da avenida Central, atual Rio Branco, unindo diagonalmente de mar a mar as partes sul e norte da península e atravessando o centro comercial e financeiro da cidade, que seria reconstruído e redefinido funcionalmente ; a melhoria do acesso a zona sul, que se configura definitivamente como local de moradia das camadas mais ricas da população, com a construção da avenida Beira-Mar; e a

reforma do acesso à zona norte, assegurada pela abertura da avenida Men de Sa e com o alargamento das ruas Frei Caneca e Estacio de Sa. Além disso inúmeras ruas são abertas ou alargadas, a reforma da cidade se complementando com a ampliação dos serviços urbanos, com a pavimentação da cidade, e com a realização de uma grande campanha de saneamento e combate epidêmico realizada por Oswaldo Cruz conjugada com as grandes demolições realizadas principalmente nos bairros centrais. A campanha de vacinação desencadeada pelo diretor do Serviço de Saúde Pública redundou na "mais espetacular ação popular da época", aquela que ficou conhecida por "REVOLTA DA VACINA". (2)

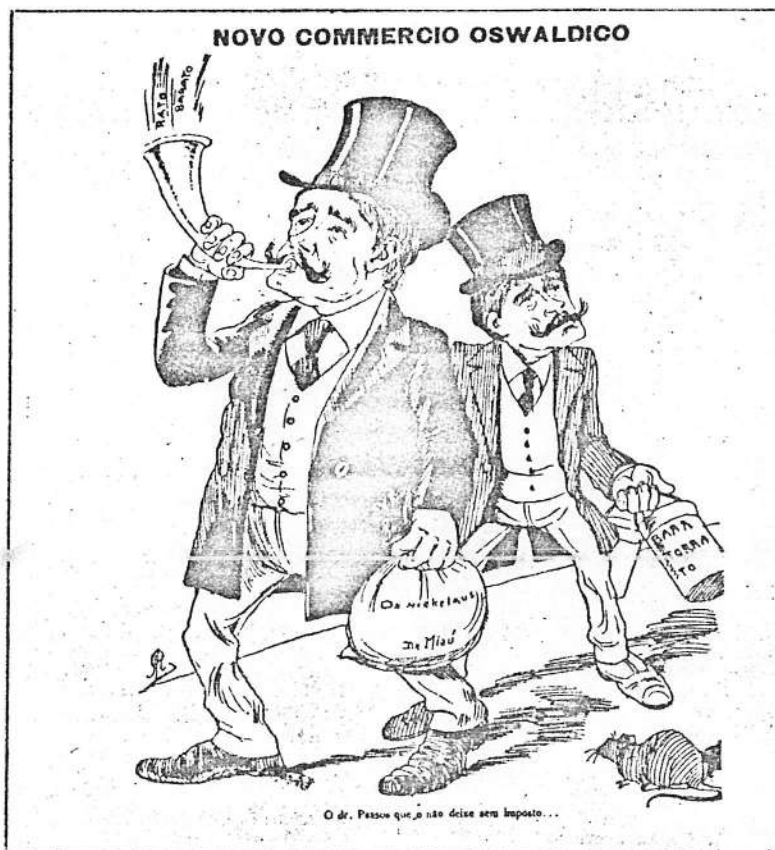


"Em novembro de 1904, data da revolta, o trabalho de demolições das casas para abrir a avenida Central, executado por cerca de 1880 operários, terminara e 16 novos edificios estavam sendo construídos. O eixo central da avenida fora inaugurado em 7

de setembro, em meio a grandes festas, já com serviço de bondes e iluminação elétrica. A derrubada de cerca de 640 prédios rasgava, através da parte mais habitada da cidade, um corredor que ia da Prainha ao Passeio Público. Era como abrir o ventre da velha cidade. Parte dos escombros ainda cobria os lados da avenida. Na mesma data, estavam sendo alargadas as ruas do Acre (ex-prainha), São Bento, Visconde de Inháuma, Assembleia e Sete de Setembro. A rua do Sacramento já fora prolongada até a avenida Marechal Floriano Peixoto, recebendo a parte nova o nome de avenida Passos.



Pelo lado da saúde pública, Oswaldo Cruz enfrentou, em primeiro lugar, a febre amarela, adotando métodos já aplicados em Cuba. Atacou a doença por dois lados, pela extinção dos mosquitos e pelo isolamento dos doentes nos hospitais. Logo a seguir, voltou-se para a peste bubônica, cujo combate exigia a exterminação de ratos e pulgas e a limpeza e desinfecção de ruas



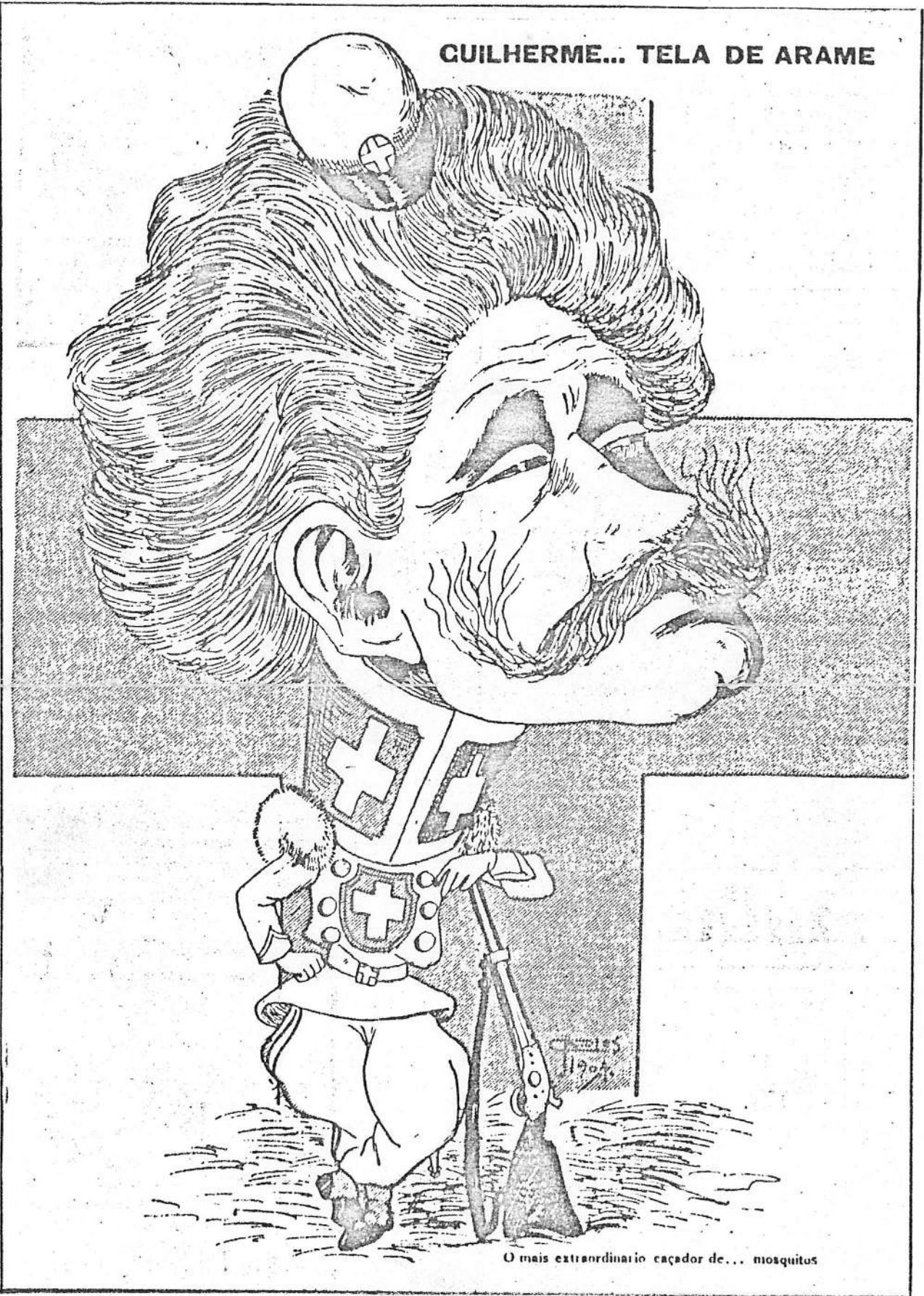
e casas. O trabalho começou em abril de 1903. Brigadas sanitárias, compostas de um chefe, cinco guardas mata-mosquitos e operários da limpeza pública, percorriam ruas e visitavam casas, desinfectando, limpando, exigindo reformas, interditando prédios, removendo doentes. Os alvos preferidos das visitas eram, naturalmente, as áreas mais pobres e de maior densidade demográfica. Casas de cômodos, cortiços e casinhas onde se comprimiam dezenas de pessoas, constituíam objeto de atenção

especial. Um delegado de saúde pública relatava em 1904 sua atuação no distrito da saúde: "Em todas (as ruas) foram feitas rigorosas visitas, exigindo-se toda a sorte de melhoramentos necessários. Nas habitações coletivas, então, procurei sempre, por meio de rigorosas intimações, extinguir muitas que funcionavam irregularmente, quer por falta de condições higienicas, quer por não possuírem licença da prefeitura." (3)



Cerca de 2500 mata-mosquitos espalharam-se pela cidade. Para prevenir resistências dos moradores, as brigadas faziam-se acompanhar de soldados da polícia. Pode-se ter idéia da dimensão do esforço envolvido através da seguinte estatística: só no segundo semestre de 1904 foram visitadas 153 ruas; foram feitas, no primeiro semestre, 110 224 visitas domiciliares, 12 971 intimações, 626 interditos". (4)

GUILHERME... TELA DE ARAME



O mais extraordinario caçador de... mosquitos

Tal atividade evidentemente provocou rebuliço na cidade, e perturbou a vida de milhares de pessoas, em especial os proprietários das casas desapropriadas para demolições, os proprietários de casas de cômodos e cortiços anti-higiênicos, obrigados a reforma-los ou demoli-los, e os inquilinos forçados a receber os empregados da saúde pública, a sair das casas para desinfecção, ou mesmo a abandonar a habitação quando condenada à demolição. Além disso, Pereira Passos, na ânsia de fazer da cidade suja, pobre e caótica réplica tropical da Paris reformada por Haussman, baixara várias posturas que também interferiam no cotidiano dos cariocas, particularmente no dos ambulantes e mendigos.



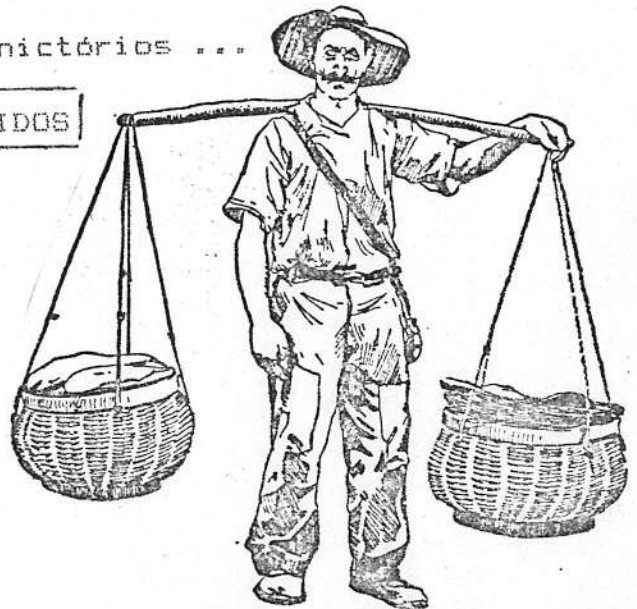
tintureiro-ambulante.

Proibiu cães vadios e vacas leiteiras nas ruas; mandou recolher a asilos os mendigos; proibiu a cultura de hortas e capinzais; a criação de suínos; a venda ambulante de bilhetes de loteria. Mandou também que não se cuspiasse nas ruas e dentro dos veículos, que não se urinasse fora dos nictórios ...

OS DESAPERECIDOS



O leiteiro e a sua vaca

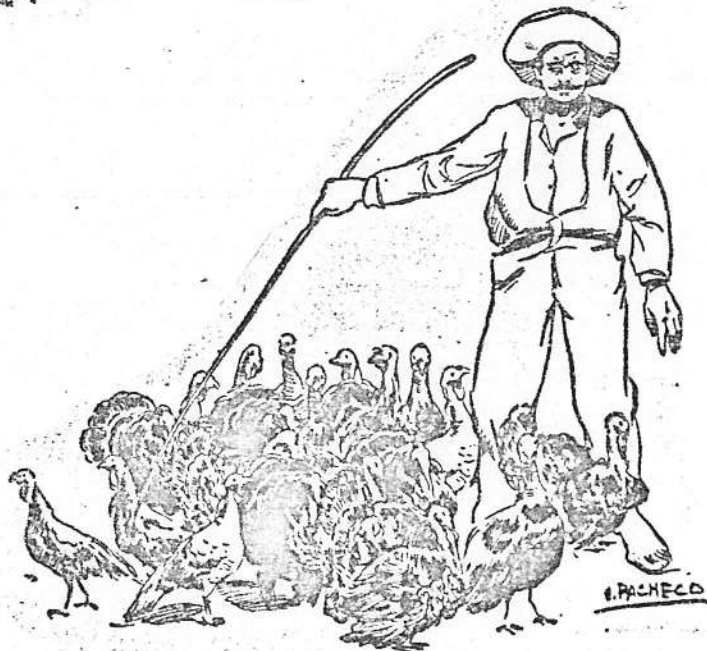


Peixeiro

A LEITERIA, A PEIXARIA,

A CASA DE AVES...

VIRIAM PREENCHER A LACUNA ...



Vendedor de perus

FONTE: "O RIO DE JANEIRO DO MEU TEMPO" ; LUIZ EDMUNDO



Caizeiro de venda

INDEPENDENTEMENTE DOS DECRETOS MUNICIPAIS,



Amolador

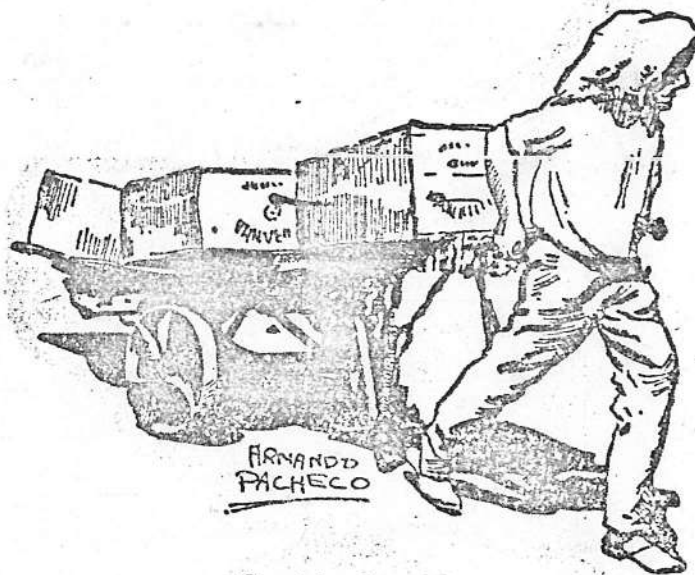


O turco vendedor de miudezas e fósforos (caricatura da época)

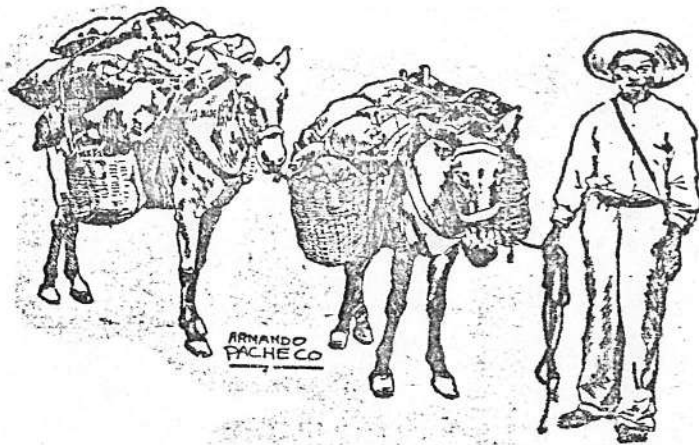
ESTES PERMANECERAM NO TEMPO E NO ESPAÇO DA CIDADE.

FONTE: "O RIO DE JANEIRO DO MEU TEMPO"; LUIZ EDMUNDO

...Praticamente, até então, as necessidades cotidianas eram, em geral, supridas em âmbito familiar: água-poço, energia-lenha ou carvão, saneamento-fossa, alimentação-basicamente de produção própria, transportes-pelos próprios meios, etc. Mas gradualmente estes serviços são coletivizados: a água passa a ser coletada e distribuída por grandes redes hidráulicas, energia é gerada e distribuída por companhias particulares, o saneamento passa a ser realizado por sistemas gerais, a alimentação passa a ser adquirida quase que exclusivamente em lojas, instalam-se os transportes coletivos...



Carrinho de mão



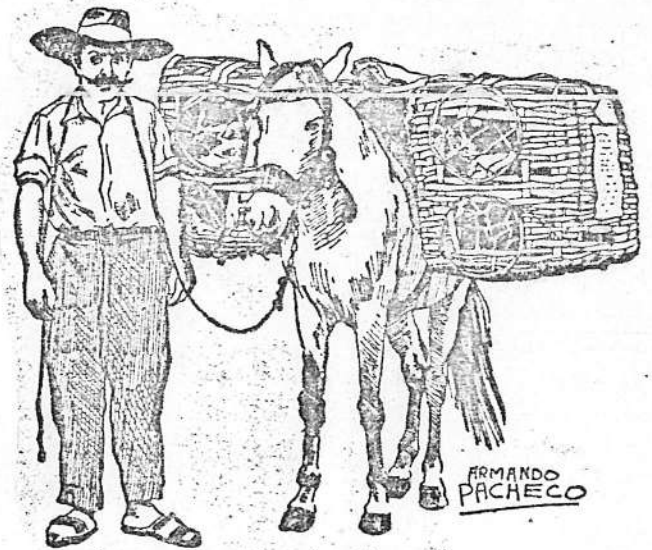
Vendedor de carvão



Carregadora de água

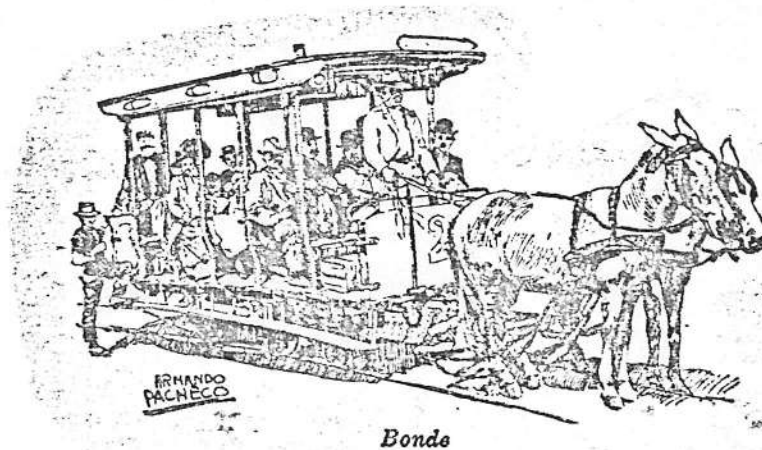


Carregador



Vendedor de aves

FONTE: "O RIO DE JANEIRO DO MEU TEMPO"; LUIZ EDMUNDO



...Na segunda metade do século XIX, depois da criação das linhas de bonde, a cidade vence o problema das distancias e se expande de modo continuo e denso pelos bairros da zona sul da cidade. De arrabaldes aristocraticos estes bairros passam a abrigar as classes abastadas e medias e, mesmo, em certos trechos, assumem carater de bairros proletarios, sobretudo quando, no ultimo quartel do século, surgem as primeiras fabricas de tecido...

...Ao se espraiar a area urbana na orla atlantica, como nas planicies e nos vales da zona norte onde se estenderam os atuais bairros da cidade, graças em grande parte as facilidades proporcionadas pela existencia de transporte coletivo, ja se havia iniciado a construção das estradas de ferro. E, ao longo destas, iriam surgir os modulos dos diversos suburbios onde, de preferencia, iriam localizar-se, posteriormente, as diversas industrias...

" Muitas dessas posturas eram simples reedições de medidas anteriores que, ao bom estilo brasileiro, não tinham pegado. Não se sabe ao certo quantas das nova pegaram. Mas desta vez a população já se tera conta de que pelo menos o esforço da aplicação da lei seria muito maior." (5)

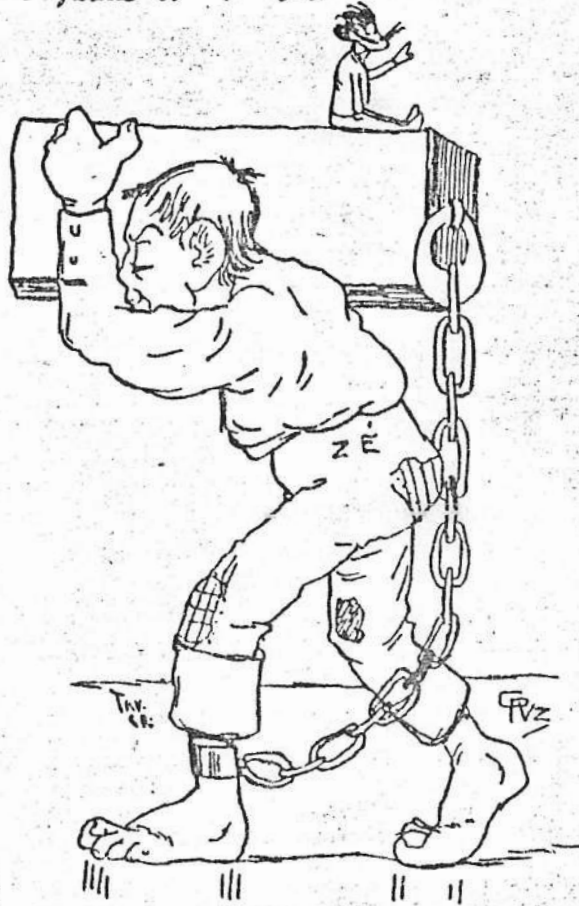
Em 1904, na revista Kosmos, Sancho Alves, positivista ardoroso, em artigo intitulado "Immunisações e Immunidades", descreve o clima político - social que antecede a publicação do decreto:

"NÃO SEREI EU QUEM NEGUE A LOUVAVEL ATIVIDADE QUE TEM DESENVOLVIDO O NOSSO ESTIMAVEL GOVERNO, MAU GRADO OS AUGURIOS QUE MUITA GENTE FAZIA, LEVADA POR BOATOS E LENDAS DE MODORRAS TRADICIONAIS ... E A VERDADE E QUE O GOVERNO, CONTRARIANDO AS LINGUAS MALDIZENTES, TRABALHA QUANTO PODE E , AS VCEZES, MAIS DO QUE DEVE. NESTE PONTO FAZ COMO AS DONAS DE CASA EXCESSIVAMENTE DILIGENTES - QUANDO NÃO TEM O QUE FAZEWR INVENTA.

TEM AGITADO AS GENTES DESTA TERRA, FILIA - SE A ESTE DESEJO DE INVENTAR TRABALHO, QUANDO ELE NÃO APARECE. ESTE E O CASO DAS UNIVERSIDADES. E PRECISO LEMBRAR, ENTRETANTO, QUE NAS CASAS DE FAMILIA DA - SE NUMEROSAS VEZES O CASO DE SE INVENTAR O QUE FAZER, NÃO POR QUE FALTE SERVIÇO MAS POR QUE A GOVERNANTE NÃO ATINA COM ELE : DAI VEM QUE A DONA DA CASA DESARRUMA E ARRUMA AS QUINQUILHARIAS DA SALA DE VISITAS ... E DEIXA QUE NO PROPRIO QUARTO, POR BAIXO DA CAMA, SE JUNTE MAIS PO DO QUE NAS RUAS CORTADAS PELAS DEMOLIÇÕES DA AVENIDA E NO TETO DA DISPENSA AS TEIAS DE ARANHA TOMEM EXPONTANEAMENTE O LUGAR QUE CABE DE LEI AOS MOSQUITOS DO SR. DR. OSWALDO CRUZ. PELAS REGICES GOVERNAMENTAIS

A TAL HYGIENE

Jornal 11-5-805



Ainda e sempre scorrentado o pobre do povo a esse estafermo!

TAMBEM SE DA DISTO DE LONGE EM LONGE ...

...ORA O GOVERNO TEM TRABALHADO TANTO QUANTO SE LHE OFERECE A OCASIAO E A NECESSIDADE. O SR. RIO BRANCO FAZ TRATADOS E DESFAZ LESTIGIOS; O SR. NORONHA CUIDA DE REORGANIZAR A ARMADA; O SR. ARGOLLO MOBILIZA FORÇAS; O SR. MULLER RASGA AVENIDAS, CONSTROE PORTOS E ESTUDA JAZIDAS DE HULHA, JUNTANDO NO MESMO ENSEJO A PROPAGANDA DAS BELEZAS DA TIJUCA E ADJACENCIAS POR SABIOS AMERICANOS A TRES CONTOS DE REIS POR MES; O SR PASSOS REMODELA A CIDADE E OS COSTUMES CARIOCAS. SO O SR. BULHOES PARECE NAO TER FEITO NADA, MAS E ENGANO. SUA EXCELENCIA TEM FEITO NO GOVERNO O TRABALHO ESPIRITUOSAMENTE SIMBOLIZADO, A ANOS, POR UM SENADOR DO IMPERIO, DA JUNTA DO COUCE, HONRANDO AO MESMO TEMPO A INDUSTRIA CARACTERISTICA DO SEU ESTADO E A PRUDENCIA SERTANEJA, QUE MANDA TER TENTO NAS LADEIRAS CUJA DESCIDA, SIMBOLICA OU DE VERDADE, TANTO TEM DE FACIL QUANTO DE PERIGOSA.

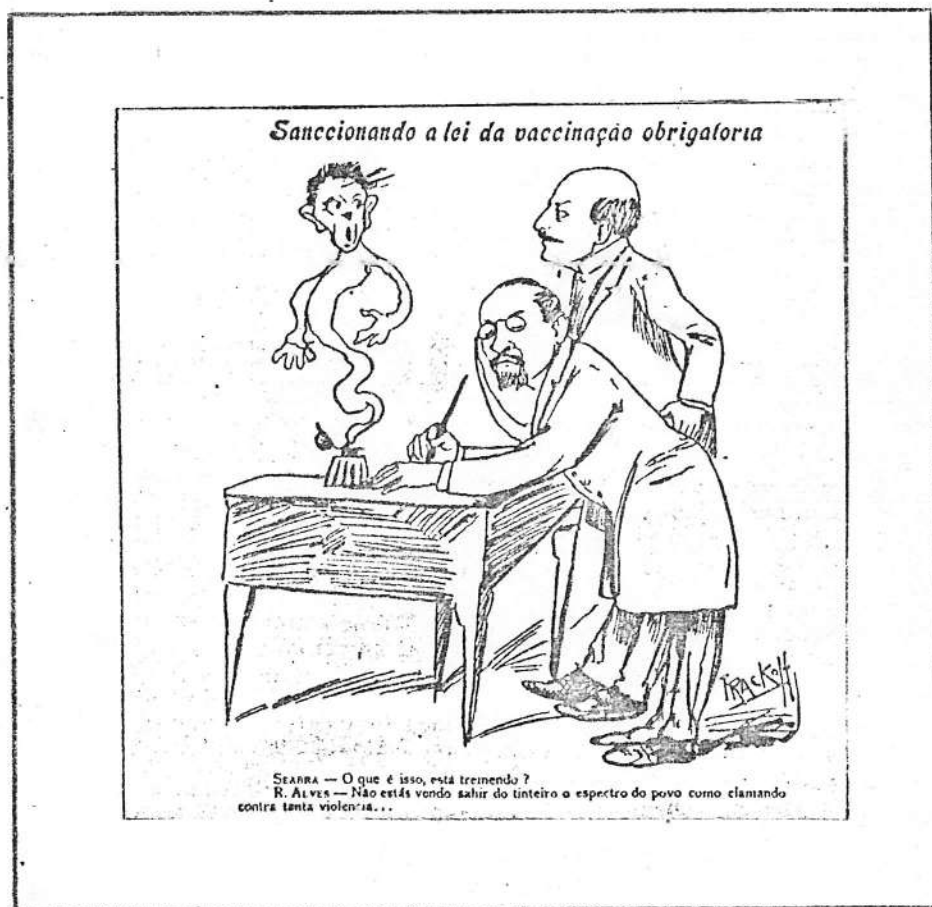
ESTA CLARO QUE O SR. SEABRA PRECISAVA FAZER TAMBEM ALGUMA COUSA .NAO QUE O ILSTRE SECRETARIO DO INTERIOR TENHA SIDO UM INATIVO, AO CONTRARIO. MAS E QUE , EM SERVIÇOS DE MINISTROS, NORMENTE AQUELES DE QUE AS FOLHAS FALAM, E MISTRE QUE SUCEDA O MESMO QUE OS DOCES DAS CRIANÇAS: QUE O PEDAÇO DE UM NAO DURE MAIS QUE O DO OUTRO.

ORA A MANUTENÇÃO DOS FRADES, A GUARDA CIVIL, A REFORMA DA HIGIENE, A MOBILIZAÇÃO DOS SOTNIAS DE DESINFECTADORES, JA TINHAM SIDO FEITAS, PASSARAM, O DOCE ACABOU; ENQUANTO QUE O PROJETO PITTA, AS OBRAS DO PORTO, A AVENIDA E O SR. WHITE CONTINUAM...

ERA PRECISO UMA OUTRA COUSA. E VAE DAI O SR. SEABRA INVENTA A UNIVERSIDADE, QUE NA FRASE IMAGINOSA DE CONSPICUO DEPUTADO BAIHANDO - E UMA AVENIDA INTELECTUAL E, INVENTA A VACINA

OBRIGATORIA QUE SE NÃO EUMA AVENIDA PROFILÁTICA, ABERTA NA POPULAÇÃO PARA DESAGUADOURO A CIÊNCIA OFICIAL DO SR. CRUZ, PODE - SE DIZER, COMO SIMILLE, QUE PERTENCE AO GÊNERO DAS DESAPROPRIAÇÕES DO SEU DONO PARA UTILIZAÇÃO DAS VACINISTAS DE LÂNCETA FACIL E CLÍNICA DIFÍCIL ...

O fator imediatamente deflagrador da revolta foi a publicação, no dia 9 de novembro de 1904, do decreto de regulamentação da aplicação da vacina obrigatória contra a varíola.



Entre 10 a 15 de novembro populares, insuflados por campanha sistemática da oposição - entre estes de militares insatisfeitos com a perseguição ao florianismo e civilistas contrários as medidas tomadas a partir de decisões de cunho autoritário- saqueou, espancou policiais, armou barricadas, incendiou bondes, depredou ... No dia 15, aproveitando o motim, a oposição tentou depor Rodrigues Alves. Em vão. O general Hermes da Fonseca, sufocou a rebelião em Realengo, e a fortaleza de São João nem chegou a aderir ao movimento. O motim esfriou. Centenas de populares foram presos ou desterrados para o Acre.

"Independentemente da intenção real de seus promotores, a revolta começou em nome da legítima defesa dos direitos civis. Despertou simpatia geral, permitindo a abertura de espaço momentâneo para a livre e ampla manifestação política, não mais limitada a estreita luta contra a vacina. Desabracharam, então, várias revoltas dentro da revolta. Caminhou a conspiração militar / centro das classes operárias, que buscava derrubar o governo; os consumidores de serviço público acertaram velhas contas com as companhias; os produtores mal pagos fizeram o mesmo com as fábricas; a classe popular dos aventureiros e belicosos, como os chamou Vicente de Souza, retomou em dimensões mais heróicas seu combate cotidiano com a polícia. E todos os cidadãos desrespeitados acertaram as contas com o governo." (6)

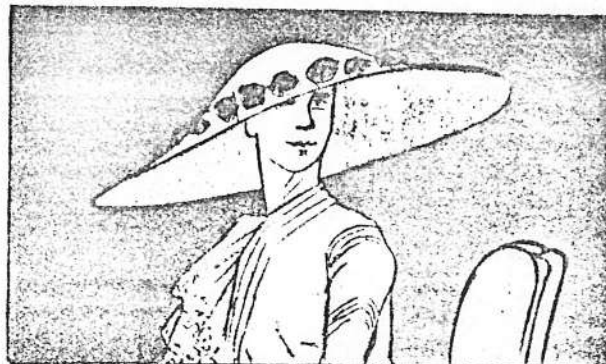
"Era a revolta fragmentada de uma sociedade fragmentada. De uma sociedade em que a escravidão impedira o desenvolvimento de forte tradição artesanal e facilitara a criação de vasto setor proletário. A fragmentação social tinha como contrapartida

política a alienação quase completa da população em relação ao sistema político que não lhe abria espaços. Havia, no entanto, uma espécie de pacto informal, de entendimento implícito, sobre o que constituía legítima interferência do governo na vida das pessoas. Quando parecia à população que os limites podiam ser ultrapassados, ela reagia por conta própria, por via da ação direta. Os limites podiam ser ultrapassados seja no domínio material, como nos casos de criação ou aumento de impostos, seja no domínio dos valores coletivos." (7)

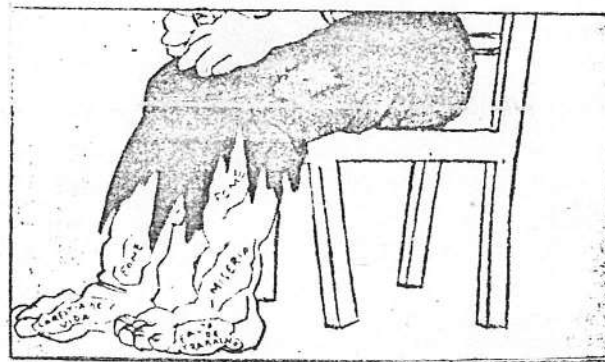
A "revolta da vacina" resultou do extravasamento de um sentimento coletivo de ira contra um conjunto de medidas concretas, palpáveis, visíveis a todos. Mas, como veremos mais adiante, a população não podia reagir quando os próprios valores coletivos eram ultrapassados pela inserção de usos e costumes que, direta ou indiretamente, facultavam ao governo exercer um maior controle sobre a vida pública e privada dos cidadãos. Seja pela introdução de novos hábitos de consumo e de higiene, seja pelo controle mais eficaz do espaço e da circulação de homens e mercadorias. Ambos facultados pela reforma urbana iniciada com Pereira Passos. Assim, se a população reage violenta e publicamente quando violentada em seus direitos mais elementares - dada a explicitação do abuso de poder contida na ação governamental -, fica tolida quando os mesmos o são via sutis metamorfoses nos hábitos cotidianos que, ao cabo de um relativamente curto espaço de tempo, inserem profundas alterações no modo de vida individual e coletivo.

A preocupação com o controle do espaço urbano era explicável pelo potencial de descontentamento que o panorama socio-econômico da época gerava. Desde meados do século XIX, quando o sistema escravista começou a mostrar sinais de esgotamento, novas relações de tipo capitalista passaram a se estabelecer no país, que a cidade do Rio de Janeiro vinha acumulando contradições em sua organização interna. A intensificação de relações de trabalho de tipo assalariado em vários setores da economia urbana, por exemplo, não fazia desaparecer a importante participação da mão-de-obra escrava, e era periodicamente posta em xeque pelas epidemias que assolavam a cidade e que dizimavam principalmente a força de trabalho imigrante.

Por outro lado, a penetração maciça do capital estrangeiro na cidade, ocorrida no bojo do processo de exportação de capitais pelos países centrais, se modernizava o setor de infraestrutura básica, onde detinha virtual monopólio, entrando em conflito com toda uma estrutura urbana remanescente dos tempos coloniais. Assim, a rapidez do transporte de carga proporcionada pelas ferrovias, contrapunha-se toda uma e



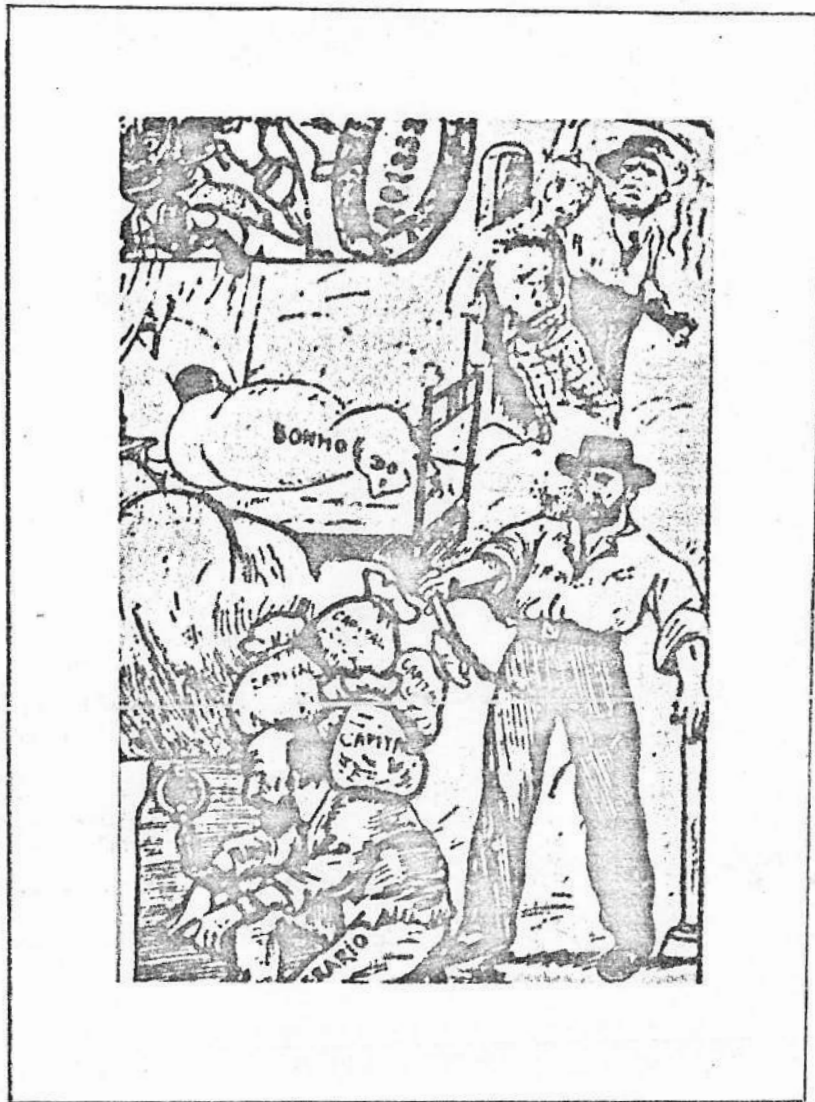
OS CONTRASTES SOCIAIS



estrutura portuária colonial, composta de diversos trapiches localizados em locais distantes dos terminais ferroviários, determinando um complexo sistema de transbordo de cargas, que não só encarecia sobremaneira os custos da circulação, como contribuía para o congestionamento das ruas centrais.

A nível da produção as contradições também se faziam sentir. Se a introdução da máquina a vapor revolucionou uma série de atividades urbanas, especialmente o setor de pequenas manufaturas existentes na cidade, a necessidade de centralidade dessas indústrias (proximidade porto/ferrovia, existência de infraestrutura básica apenas na área central, proximidade da força de trabalho) levava a um movimento de expansão baseado na ocupação de diversas unidades prediais, às vezes a grande distância uma da outra, num processo de "divisão de trabalho" totalmente contrário às leis da economia de escala.

Também a nível de ideologia as contradições existiam. Era preciso criar uma nova capital, que simbolizasse a integração efetiva do país na divisão internacional do trabalho como grande produtor de café; que expressasse os valores cosmopolitas e modernos das elites nacionais. Nesse sentido, o rápido crescimento da cidade em direção à zona sul, o aparecimento do bonde elétrico, em 1892, e do automóvel, já neste século, não condiziam com uma área central ainda tipicamente colonial, com suas ruas estreitas e sombrias, onde se misturavam usos e classes sociais diversos; onde o capitalista se misturava com o operário, onde os edifícios públicos e empresariais eram vizinhos dos cortiços.



Em 1906, a revista *Arara* ilustrou a carga de trabalho dos operários.

Com a reforma Passos concretizou-se a separação de "... usos e costumes sociais que estavam anteriormente próximos, ou que se interpenetravam perigosamente, gerando faíscas, definiu precisamente os espaços de produção e os espaços de consumo da cidade, separando definitivamente os locais do trabalho dos locais de residências, agora ligados por modernos, eficientes e controláveis espaços de circulação.

A separação de usos e costumes promovida pela reforma Passos obviamente, não foi perfeita. Nenhum processo social erradica totalmente as formas antigas, que muitas vezes se mantêm no espaço por longos períodos, caracterizando-se como verdadeiros testemunhos de momentos anteriores de organização social." (8) Mas o controle urbanístico, materializado no amplo leque de decretos, leis, regulamentos, regimentos, editais e portarias atingiu com especial rigor as "velhas usanças" da população, o seu conjunto de "práticas econômicas, formas de lazer, costumes e hábitos que estavam profundamente arraigados no tecido social e cultural da cidade" (9), limitando a sua permanência e a sua reprodução no tempo e no espaço - dada a radicalidade com que foi decretado o seu banimento das áreas urbanas em processo de valorização.

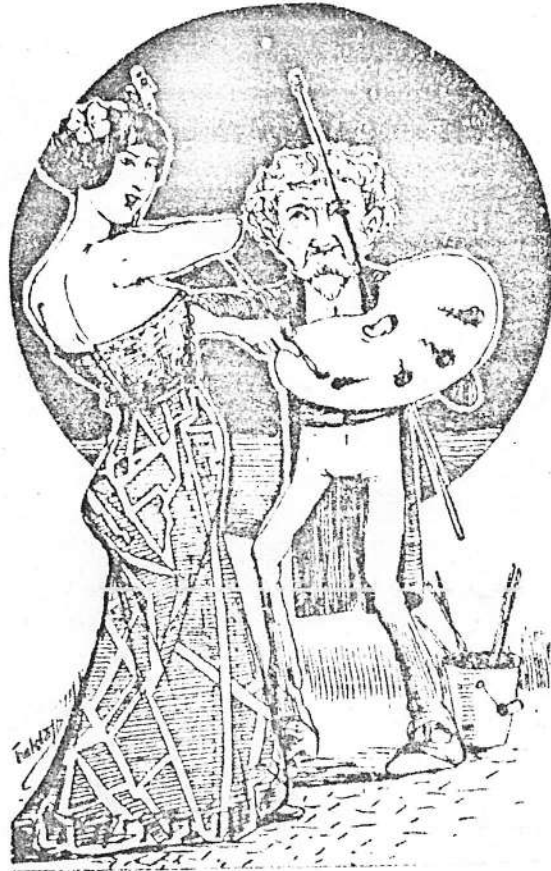
Pereira Passos, como Aristóteles, parecia acreditar que "a forma da cidade era a forma de sua ordem social e que, para remodelar uma delas, é necessário introduzir mudanças apropriadas na outra. Parece também ter compreendido que o urbanismo não deveria ter simplesmente um alvo imediato, mas uma meta ideal de dimensões maiores ..." (10)

AS CRIANÇAS...



"Passos vence a rotina. Declara guerra aos bacalhoeiros da rua do Mercado, aos tamanqueiros do Bêco do fisco, aos mestres- de -obras que constroem no estilo compoteira e outros autores do atraso nacional; entra pelas casas que se fazem, ainda, como as do tempo do Senhor Marques do Lavradio, sem luz, sem ar, dédalo de corredores e de alcovas; cria posturas alargando as suas divisões, manda rasgar janelas nos aposentos de dormir, enche a morada de luz, de ar, de vida e de saúde! Do fundo dos armazéns manda arrancar toneladas de lixo, derubar construções arcaicas; nas lojas, manda substituir os assoalhos podres, ninhos de lacraias, de centopeias e de ratos, cria o Serviço de Assistência Público, obra notável e muito pouco lembrada, primeiro serviço que tivemos; extingue a cainçalha que vivia infestando as ruas da cidade; acaba com a gritaria colonial dos pregões, mete os mendigos em asilos, acaba com os ambulantes que vendiam vicerias de reses apodrecendo, ao sol, cercados pelo vôo contínuo do mosqueiro, alarga ruas, cria praças, arboriza-as, calça-as, embeleza-as, termina com a imundice dos quiosques e diminui a infâmia dos cortiços?"

(L. Edmundo, pag 51 a 53)



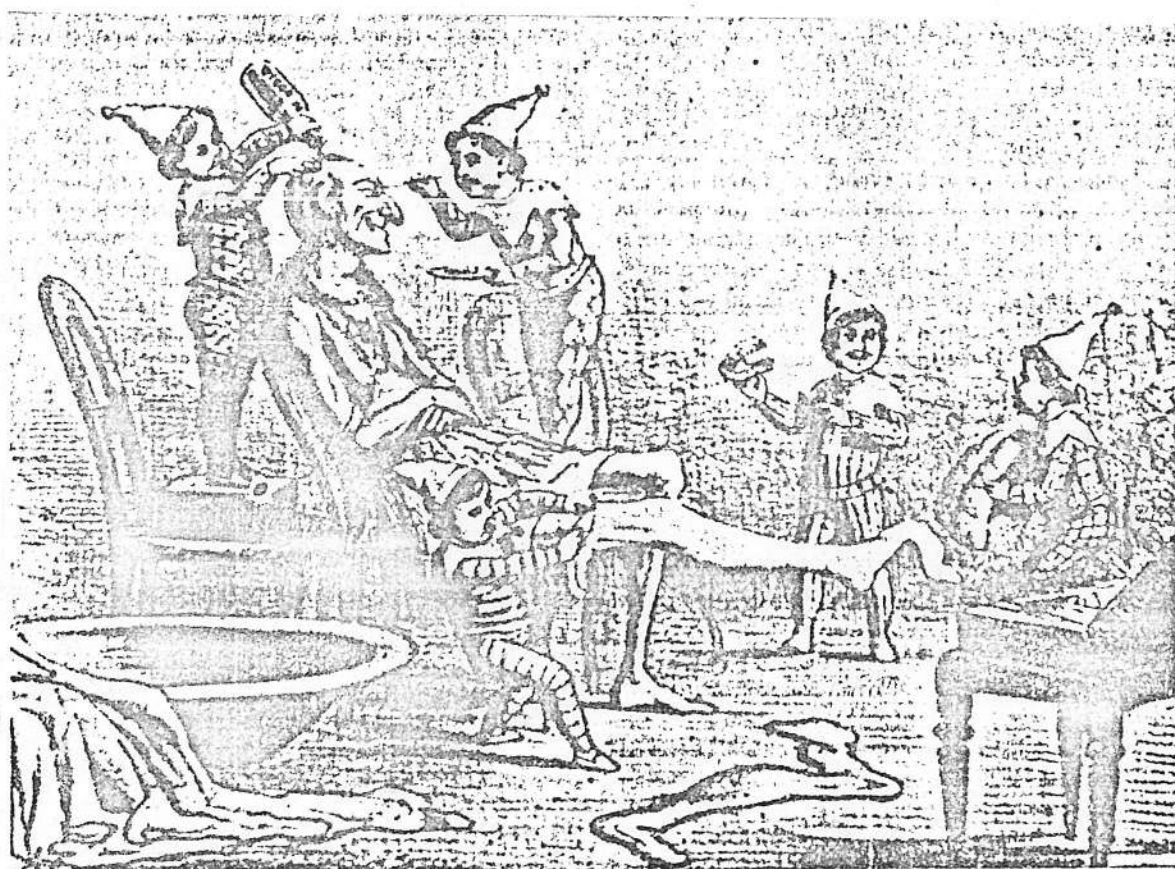
- Tem paciência, não estás acostumada a esses luxos de cidade civilizada e por isso é que te sentes constrangida com essa roupa, mas eu quero ver - te bella, cheirosa e anticulidica, custe o que custar ...

fonte: Tagarela. n.67, 4/6/1903, p.1

A política de modernização, iniciada no mandato de Rodrigues Alves, foi sistematicamente ampliada no governo de Afonso Pena (15/11/1906 a 25/11/1908) dada as condições propícias asseguradas pela consolidação do sistema político sob a forma de um presidencialismo que garante os situacionismos estaduais e deles recebe maciço apoio, diretamente e por intermédio das bancadas dos Estados e do Congresso. A combinação entre o poder dos governos estaduais (as oligarquias) e o apoio complementar que lhes assegura o governo federal, mantém um situacionismo estável, aperfeiçoado, em última instância, pelo poder de "reconhecimento" de mandatos pelo próprio Congresso Nacional, assim proporcionando ao presidente maiorias legislativas tranquilas, que votam todas as medidas do executivo. Este sistema gera, em contrapartida, uma imprensa oposicionista, tendo à frente o CORREIO DA MANHÃ de Edmundo Bittencourt (fundado em 1901), para a qual se desloca o debate político, que não logra prosperar na docilidade do Congresso. O crescente divórcio entre o sistema político e a imprensa independente gerará, no curso do tempo, uma opinião pública urbana de classe média cada vez mais adversa ao sistema, que terminará por contesta-lo, nos anos vinte e derrubá-lo, na revolução de trinta. (11)

| A República, passado "o momento inicial de esperança de expansão democrática, consolidou-se sobre um mínimo de participação eleitoral, sobre a exclusão do envolvimento popular no governo. Consolidou-se sobre a vitória da ideologia liberal pré-democrática, darwinista, reforçadora do poder oligárquico. As

propostas alternativas de organização do poder, a do republicanismo radical, a do socialismo e mesmo a do positivismo, derrotadas, foram postas de lado. A cidade do Rio de Janeiro por sua vez, não apresentava as características da cidade burguesa onde se desenvolveu a democracia moderna. O peso das tradições escravista e colonial obstruía o desenvolvimento das liberdades civis, ao mesmo tempo que viciava as relações dos cidadãos com o governo. Era uma cidade de comerciantes, de burocratas e de vasto proletariado, socialmente hierarquizada, pouco tocada seja pelos aspectos libertários do liberalismo, seja pela disciplina do trabalho industrial." (12)



Revista Ilustrada, nº 18, Rio de Janeiro, 1876.
"Melhoramentos da Cidade do Rio de Janeiro"
Cidade: — "Mas eu ficarei bonita mesmo?"
— "Ora se ficará bonita . . . com estas pinturas e postigos

que a comissão lhe aconselha, poderá a senhora ainda iludir alguns fluminenses, mas cá para nós, nunca há de passar de uma velha e feia cidade."

A relação da República com a cidade só fez, em nosso caso agravar o divórcio entre as duas é a cidadania. Primeiro, por ter a República neutralizado politicamente a cidade, impedindo que se auto governasse e reprimindo a mobilização política da população urbana. A seguir, quando a República, uma vez consolidada, quiz fazer da cidade-capital o exemplo do seu poder e de sua pompa, o símbolo, perante a Europa, de seus foros de civilização e progresso (bem como de sua confiabilidade como pagadora de dívidas). A castração política da cidade e sua transformação em vitrina, esta última efetivada nas reformas de Rodrigues Alves e na grande exposição nacional de 1908, inviabilizaram a incorporação do povo na vida política e cultural. Porque o povo não se enquadrava nos padrões europeus nem pelo comportamento político, nem pela cultura, nem pela maneira de morar, nem pela cara.

Na República que não era, a cidade não tinha cidadãos. Para a grande maioria dos fluminenses, o poder permanecia fora do alcance, do controle e mesmo da compreensão. Os acontecimentos políticos eram representações em que o povo comum aparecia como espectador ou, no máximo, como figurante. Ele se relacionava com o governo seja pela indiferença aos mecanismos oficiais de participação, seja pelo pragmatismo na busca de empregos e favores, seja enfim, pela reação violenta quando se julgava atingido em direitos e valores por ele considerados extravasantes da competência do poder... "

Impedida de ser república a cidade mantinha suas repúblicas, seus nódulos de participação social, nos bairros, nas associações, nas irmandades, nos grupos étnicos, nas igrejas, nas

homem da pavo



1920

festas religiosas e profanas e mesmos nos cortiços e nas maltas de capoeiras. Estruturas comunitárias não se encaixavam no modelo contratual do liberalismo dominante na política. Ironicamente, foi da evolução destas repúblicas, algumas inicialmente discriminadas, se não perseguidas, que se foi construindo a identidade coletiva da cidade. Foi, nelas que se aproximaram povo e classe média, foi nelas que se desenhou o rosto real da cidade, longe das preocupações com a imagem que se deveria apresentar à europa" (13)

Rabo de arraia na capoeira. Ilustração de Calixto, 1906. Arquivo Francisco Duarte.



A revolta da vacina foi a ultima grande manifestação popular direcionada contra medidas impostas pela administração municipal. A partir de então a oposição esmoreceu devido, entre outros fatores, a aplicação da censura à imprensa (1922). Se restringindo à aqueles por ela afetados, ou seja, a população remanejada das áreas em processo de vaporização

As administrações seguintes permaneceram no rumo traçado por Pereira Passos, embora sem o ímpeto deste. Paulo de Frontin (1919) nos seis meses de sua administração, entre outras obras, alargou, em dobro, e pavimentou a avenida Atlântica; construiu a avenida Meridional (atual avenida Delfim Moreira - Leblom); abriu grande parte da avenida Rio Comprido (atual Paulo de Frontin), que teve o rio canalizado; abriu a rua Guanabara (no centro); iniciou a perfuração do tunel João Ricardo (atual tunel Velho); prolongou a avenida Beira Mar, já com o nome de Presidente Wilson; construiu o cais da Urca, bairro que estava sendo criado no sopé do "Pão de Açúcar" pela iniciativa particular; alargou a avenida Niemeyer ...

A administração de Carlos Sampaio (1920 - 1922) tinha como objetivo principal preparar a cidade para as comemorações do centenário da independência. Nesse sentido era preciso lutar contra o tempo para que a cidade pudesse acolher grande número de "Touristes" e de personalidades nacionais e estrangeiras que aqui acorreriam para participar dos festejos, que culminariam com a realização de uma exposição internacional, a ser montada em local indefinido.

Logo após tomar posse, o prefeito, lutando contra o tempo, mandava retirar do centro da cidade, "em nome da aeração e da higiene", o local que dera origem a urbe - O MORRO DO CASTELO - que, embora fosse local histórico, havia se transformado em verdadeira favela em consequência direta da ação de Pereira Passos e ocupava então uma das áreas de maior valorização do solo da cidade.

A idéia de arrasar o MORRO DO CASTELO não era nova, Várias

concessões haviam sido dadas pelo governo imperial no século anterior para a realização deste objetivo, e todas haviam caducado. O próprio prefeito havia recebido uma dessas concessões já no período republicano. A remodelação da "área central da cidade efetuada por Passos, entretanto, pusera a nú a pobreza que habitava esse morro, que abrigava mais de 5000 mil pessoas em 470 casas, mas que agora era vizinha de uma área central renovada e muito valorizada. A imprensa, inclusive, já vinha há algum tempo se empenhando no sentido de pressionar a prefeitura a demolir este "quisto horroroso", esse morro sem préstimo guardado por uma tradição supersticiosa". Não era possível que em plena "área monumental" da cidade, a "civilização" estivesse a vinte metros da "barbárie". Era necessário erradicar essa "cidade sertaneja incrustada em plena civilização".

O prefeito, entretanto, tinha razões bem mais simples e concretas para ordenar a demolição do morro:

"Tenho por lema em administração pública que as nações novas devem sempre procurar capital para bem emprega-lo em obras reprodutivas; e convicto, sem a mínima dúvida, de que se tratava de uma iniciativa dessa natureza e urgente para o desenvolvimento de nossa city ... não hesitei em lançar mão do crédito, que já" tinha procurado restabelecer ... para o fim de realizar a obra no mínimo espaço de tempo possível" (Sampaio, Carlos. *Mendória histórica - Obras da Prefeitura do Rio de Janeiro*)

" área adquirida para a cidade é pouco inferior a 800 mil metros quadrados da qual quase a metade é destinada a praças, ruas e um grande parque em frente a Lapa e Glória. Calculadas as áreas disponíveis e vendíveis da base do morro à razão de 500\$000 o metro quadrado, e do aterro à razão de 200\$000, preços bem inferiores aos que atualmente são pagos, o produto dessa venda atingirá à cerca de 150.000 mil contos e, como o custo da obra deve ser inferior a 60.000 contos, o resultado líquido será superior a 90.000 mil contos. E isso sem contar o lucro bem maior, resultante do imposto predial e outros impostos a serem pagos pelos prédios que serão construídos em toda esta zona."

(Sampaio, Carlos. O Arrasamento do Morro do Castelo.)

Conquistada uma nova área no centro da cidade (o desmonte do morro do Castelo se fazia com um rapidez incrível para a época), parecia que estava solucionado o problema do local de instalação da Exposição Internacional. Entretanto, o desmonte do morro pôs em evidencia, aos olhos da burguesia, o bairro mais antigo da cidade, e um dos mais pobres, que abrigara um grande número dos que tinham sido expulsos do centro durante a reforma Passos. E esta foi a oportunidade para erradicá-lo:

"Certo de que, nessa época, estaria o serviço de desmonte do Castelo, aterro e construção da muralha em sua pujança de execução, e sentindo, por outro lado, a necessidade de fazer desaparecer ,

pelo menos em parte, um dos mais infectos bairros do centro da nossa capital... não hesitei em sugerir que fosse escolhido o bairro da Misericórdia, junto a ponta do Calabouço, para local desse certamem." (Sampaio, Carlos. Memória Histórica op. cit., pag. 171)

A administração Carlos Sampaio não se ateve apenas às obras de desmonte do Morro do Castelo (que só se complementariam totalmente no final da década) . Deve-se a ela também a realização de várias obras de melhoramento/embelezamento dos locais a serem visitados - no roteiro dos reis belgas, futuros hóspedes da cidade (conforme o próprio prefeito reconhece em mensagem enviada ao Conselho Municipal), além da avenida Portugal e da abertura da avenida Rui Barbosa, onde seria construido o hotel Sete de Setembro, de gabarito internacional, ambos ao custo de 43 mil contos. A construção desta última avenida representava a conclusão da verdadeira avenida Beira Mar do período Passos, e também foi determinada pelo interesse da municipalidade de dotar a cidade de novas faixas de terrenos valorizados, com vistas deslumbrantes para o Pão de Açucar. E tal como no caso do bairro da Misericórdia, exigiu a remoção de "quists indesejáveis":

↓
"Com a construção dessa avenida deixou de existir a solução de continuidade que se nota na avenida Beira Mar no trecho entre as praias do Flamengo e de Botafogo, ligadas até então pela avenida Osvaldo Cruz, desafogando dessa forma o transito

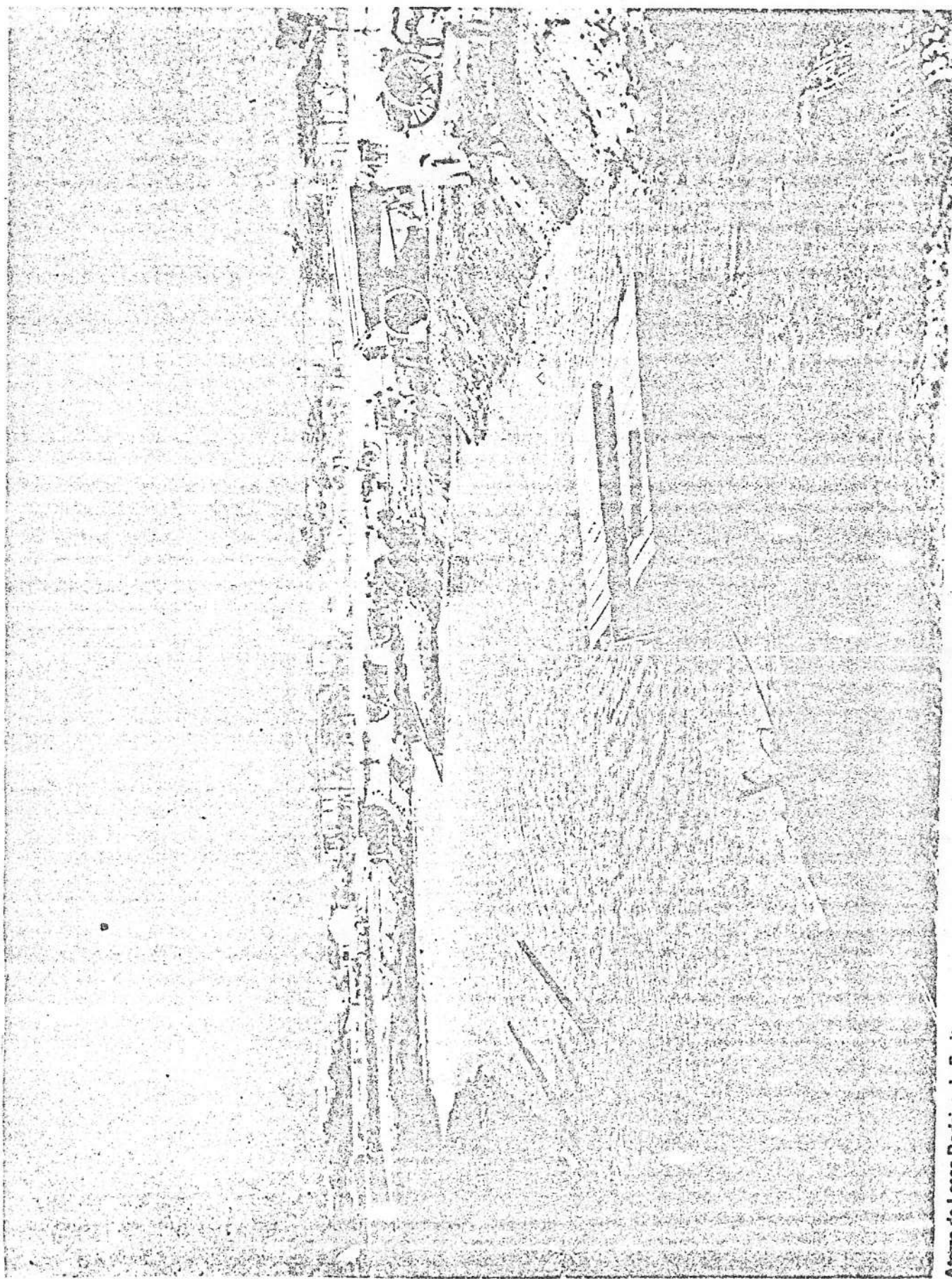
para os bairros de Botafogo , Gávea e Copacabana, acabando com a série de barracões imundos, a maioria dos quais feitos de folhas de zinco, tábuas velhas , e até de latas de gasolina , existentes desde o lado da praia de Botafogo até as redondezas da antiga fortaleza do ministério da guerra... A avenida do contorno deixa entre ela e a encosta do morro uma larga faixa de terreno próprio para a construção de grandes edificios ... que, vendidos mais tarde, darão para cobrir completamente o custo da avenida." (Sampaio, Carlos. Memória da Cidade. op. cit.,p.51)

Finalmente, deve-se também a administração Carlos Sampaio a integração de uma nova e extensa área a parte nobre da cidade, representada pelas margens da Lagoa Rodrigo de Freitas, já servida em parte pelos bondes da Companhia do Jardim Botânico, mais ainda não ocupada pela burguesia. Na verdade, desde a proclamação da República que a ocupação da orla da lagoa vinha sendo realizada de maneira morosa, devido a falta de saneamento básico e por uma população predominantemente operária, atraída para a área pela instalação de grande industrias têxtis no local, ou que simplesmente procurava local para erguer "... uma residência gratuita, em terrenos abandonados e pantanosos, e que pagava com a saúde o que não podia pagar pecuniariamente." (IBID.,p.119)

Para o prefeito, o saneamento da lagoa era justificado pela progressão acelerada da ocupação de Ipanema pela burguesia e sua natural continuação em direção ao Leblom; este inclusive já tinha

sido bastante beneficiado pelas obras efetuadas por Frontin e pelo próprio Sampaio. Era natural que , loteada e vendida a orla litorânea, o processo de ocupação da zona sul se dirigisse à única área que ainda restava, considerada um "suburbio" pelo próprio prefeito, mas que a partir das obras de melhoramento nada mais teria a ver com este rótulo , cada vez mais empregado de forma pejorativa. Nas palavras do próprio prefeito, sanear a Lagoa:

"ligava-se, de fato ... a uma questão de saneamento de um suburbio de nossa Capital, que será sem dúvida num futuro próximo, um dos mais belos e mais importantes. Mas, se a questão do saneamento deveria ter preferencia, também não era descurável a parte estética, principalmente quanto a natureza já fornecia um quadro de incomparavel encanto; e, por outro lado, não era difficil prever que se tratava , talvez não de uma operação vantajosa sob o ponto de vista financeiro, mas pelo menos de um empreendimento em que as despesas seriam inteiramente cobertas pelas vantagens imediatas e resultantes da venda dos terrenos, sem, por consequencia, levar em conta os lucros indiretos de novos impostos e da valorização do capital. Foi assim, sob o triplice aspecto da higiene, do embelezamento e da economia, que resolvi empreender a realização de uma das idéias que mais acariciava desde o começo da minha carreira." (IBID., p.118)



Atorro da Lagoa Rodrigo de Freitas

Os trabalhos realizados em curto espaço de tempo e ao custo de 15.000 contos, sanearam a lagoa, reorientando inclusive as águas dos rios que nela desembocavam, e que agora deveriam desaguar no mar através de dois novos canais. A lagoa propriamente dita, deveria ser circuntada por uma "bela avenida palacetes em centro de jardim, que devem ter nunca menos que vinte e cinco metros de frente." (IBID., p.127) (14)

O saneamento da Lagoa Rodrigo de Freitas representa o ponto final, na República velha, de todo um processo de modernização e adequação do urbano as novas demandas do capital - financeiro/industrial - viabilizado por um processo de expropriação de renda das camadas mais pobres da sociedade para as mais ricas, possibilitada pela sociabilização dos custos e pela concentração de investimentos públicos em obras de infraestrutura que beneficiaram, em última análise, os setores produtivos em detrimento das energencias sociais.

Mas passados vinte anos da administração Pereira Passos, já se observava, principalmente no Centro da cidade, a insuficiência do traçado das vias públicas. Aumentara o numero de pessoas, de bondes, de automoveis. A cidade se congestionava. As inundações se sucediam, a própria ocupação do solo já não respeitava lógica alguma. Em 1928 o prefeito Prado Junior encomenda a Alfredo Agache um projeto de remodelação e extensão da cidade.

O plano de Agache se passou no mais minucioso estudo feito sobre a cidade. O estudo parte de uma análise geral da situação urbana, para atacar o problema do plano diretor, a ossatura desse plano e seus problemas funcionais. A questão de legislação foi

separada em tres itens:

- 1) Legislação fundamental - concernente aos planos de melhoramentos, remodelação e expansão;
- 2) Legislação sobre o melhoramento urbano, as políticas das construções e o melhoramento social;
- 3) As prescrições conservadoras, concernentes as artes e a paisagem urbana.

Agache distribuiu em quatro outros capítulos os problemas sanitários de que trata com minúcias. Estabelece as Considerações Gerais e Exames do Meio Ambiente, o abastecimento da agua em todos os seus detalhes, a inundação e o escoamento das aguas pluviais e o saneamento. Estuda as condições gerais relativa à situação da cidade, os métodos preconizados para a reorganização da rede sanitária, o problema do lixo nas vias públicas e do domiciliar, o escoamento integral das aguas residuais e dos detritos fermentáveis, a destruição das cadaveres dos animais e ainda outros problemas urbanos, como a extinsão das fumaças e a diminuição dos ruidos.



O Plano Agache foi o ultimo grande projeto de reforma urbana elaborado na "República Velha". Mas, devido a conjuntura politica desfavoravel - a República Velha já estava morrendo, desde a primeira revolta dos tenentes em 1922. As oligarquias já apresentando os primeiros sinais de cisão interna - e a conjuntura econômica - que também não era propicia a gastos que exigiriam empréstimos vultuosos e que além disso não estavam disponiveis - nada foi feito no sentido de transportar para a realidade o elaborado nas pranchetas.

O Plano Agache foi o ultimo grande projeto de reforma urbana elaborado na "República Velha". Mas, devido a conjuntura politica desfavoravel - a República Velha já estava morrendo, desde a primeira revolta dos tenentes em 1922. As oligarquias já apresentando os primeiros sinais de cisão interna - e a conjuntura econômica - que também não era propicia a gastos que exigiriam empréstimos vultuosos e que além disso não estavam disponiveis - nada foi feito no sentido de transportar para a realidade o elaborado nas pranchetas.

PARTE 2

AVENIDA CENTRAL: A RECONSTRUÇÃO DE UM COTIDIANO

Quando o século vinte amanhece a cidade do Rio de Janeiro desperta para a vida civilizada. No caos aparente se engendra a disciplina aplolínea que irá adornar a vida cotidiana com belas obras e refinados gestos.

Em 1901 a "CIDADE MARAVILHOSA" está em gestação nas mentes dos médicos sanitaristas, adeptos da escola francesa cujo postulados podem ser resumidos em duas palavras: HIGIENIZAÇÃO E EMDELEZAMENTO. Abstrações que se concretizam a vinte e nove de dezembro de mil novecentos e dois (29/12/1902) por uma decisão de cunho jurídico - político que altera a lei orgânica do Distrito Federal, suspendendo as atividades da Câmara Municipal pelo período de seis meses, facultando ao futuro prefeito, Pereira Passos, eleito no dia seguinte, legislar através de decretos, sem sofrer qualquer oposição formal.

A ação da dupla Pereira Passos / Oswaldo Cruz e seus métodos drásticos de intervenção no espaço físico da cidade, acirraram os antagonismos entre o conteúdo socio - cultural embutido nos elementos formadores da organização social pré - existente e o novo, que procura romper com as marcas do passado colonial introduzindo novas concepções de vida. O desencadeado pela

reforma urbana capitaneada pelo prefeito Pereira Passos e completada pelas administrações seguintes teve grande destaque na imprensa. Os artigos então publicados, dependendo da linha política adotada pelo jornal ou periódico, iam do mais exaltado elogio a mais veemente crítica, redigidos ora em linguagem culta, ora no mais escrachado estilo; sendo que este último era o mais popular, o que não é de surpreender, levando - se em consideração que a população era majoritariamente analfabeta, e uma boa piada é mais facilmente propalada oralmente. Como esta publicada em 1907, no ALMANACH DO MALHO :

"ESTE MAGRO CAVALHEIRO
POR LASTIMAVEL ENGANO
TEM FAMA, NO MUNDO INTEIRO
DE SER LIVRE E SOBERANO

MAS VIVE A PAGAR IMPOSTOS
P'RA SUSTENTAR OS PANÇUDOS
E SOFFRE GRANDES DESGOSTOS
POR QUE OS TEMPOS SAO BICUDOS

FELIZMENTE AGORA TEM
AVENIDAS PARA ANDAR
POREM FICOU SEM VINTEN
E SEM CASAS P'RA MORAR"

Versinho jocoso, síntese de uma realidade onde a decandada liberdade do homem do povo é mais do que relativa, é uma falácia. Nesta tragicomédia poética dois outros temas aparecem: o custo

social arcado por uma parcela da população que ficou "sem casas para morar" e mais especificamente a socialização dos custos da empreitada via impostos.

A polêmica inicialmente levantada pela ação intepestiva do poder público foi no decorrer das duas décadas seguintes esmorecendo, gradualmente substituída por um discurso que enfatizava a necessidade de ampliação desta intervenção, de forma a completar o trabalho de saneamento iniciado na primeira década do século, principalmente no referente à aquelas áreas ocupadas pela população de baixa renda. Discurso que irá apoiar, até mesmo legitimar obras como o desmonte do MORRO DO CASTELO que vizava "matar dois coelhos em uma cajadada só"; eliminar a favela lá instalada desde o século anterior e propiciar a criação de um novo espaço na área mais valorizada da cidade.

Escragnolle Doria ao dissertar sobre a construção da AVENIDA CENTRAL, em dezembro de 1923, em artigo publicado na REVISTA EU SEI TUDO, numero 79, tece comentários a respeito do preço arcado pelo conjunto da sociedade para a viabilização daquela que foi a obra síntese de uma época, reafirmando a impressão deixada pelo poeta anônimo.

"...QUANTOS POREM AVALIAM O ESFORÇO, PARA ESTABELECE - LA?
QUANTOS SABEM O QUE CUSTOU A HOMENS E A FORTUNA PUBLICA?..."

O autor enfatiza no paragrafo seguinte a distância no tempo entre a intensão e a materialização das obras, entendendo que o executado continha um nítido propósito de mudança que ia além do

propriamente físico; não negando a importância do concretizado, mas questionando à sua extensão ao ambiente social.

(...) OS PRIMEIROS ANOS DA REPUBLICA DESENVOLVERAM - SE NO SCENARIO DOS DERRADEIROS ANOS DO IMPERIO. SO EM 1902 SURTIU O PROPOSITO DE TRANSFORMAR - O (o centro da cidade), O PROPOSITO DIZEMOS, POIS A IDEIA DE METAMORPHOSE ERA ANTIGA. TER - SE - IA EXECUTADO, NO ANTIGO REGIMEN, TALVEZ EM OUTRAS CONDIÇÕES, SEM QUE O PROGRESSO MATERIAL DIMINUISSE O PATRIMONIO MORAL DAS NAÇÕES (...)"

E. Doria destaca que a prefeitura agia em consonancia com os interesses da União e que dentre as obras concretizadas no período, a construção/ampliação do CAES e a abertura da AVENIDA CENTRAL eram as prioritárias:-

(...) ERA INTUIDO CONSTRUIR CAES COMERCIAL, DE TREZ MIL E QUINHENTOS METROS. CORRERIA DO LARGO DA PRAINHA A SAHIDA DO CANAL DO MANGUE PELO FIM DA RUA SAO CHRISTOVAO. EM FRENTE DO CAES, EXTENDER - SE - HIA A AVENIDA, A ACTUAL RODRIGUES ALVES, DE QUARENTA METROS DE LARGURA. VERIA TER AO ANTIGO LARGO DA PRAINHA LIGADA A OUTRA AVENIDA, A CENTRAL, CORTANDO EM LINHA RECTA A CIDADE, DA PRAINHA AO PASSEIO PUBLICO.

PRETENDIAM DAR - LHE MIL E OITOCENTOS METROS DE COMPRIMENTO, TRINTA E TREZ DE LARGURA. O ORÇAMENTO TOTAL DAS OBRAS APRESENTAVA A CIFRA DE CENTO E SESENTA E OITO MIL DUZENTOS E DEZESSEIS CONTOS DE REIS.

CINCOENTA E DOUS MIL QUATROCENTOS E CINCOENTA ERAM

DESTINADOS A DESAPROPRIAÇÕES, CALCULADAS EM TEZ MIL SETECENTOS E OITENTA CONTOS AS OBRAS DA AVENIDA CENTRAL.

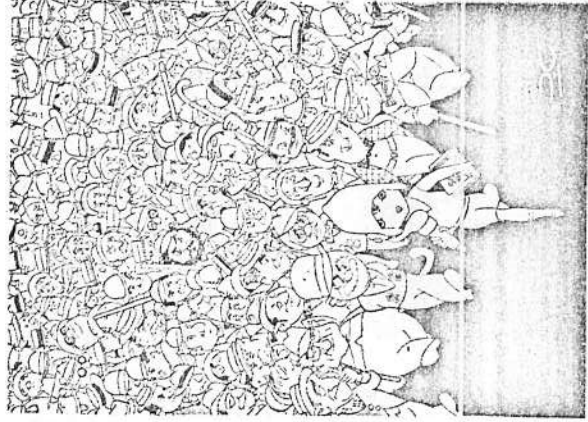
(...) E CERCA DE QUINHENTOS E CINCOENTA PREDIOS CONHECERAM DERRUBADA PARA QUE MELINDROSAS E ALMOFADINHAS ANDASSEM, AOS SABBADOS PRINCIPALMENTE, "FAZENDO AVENIDA" (...)

N "ENTREGUE AD GOZO PUBLICO A AVENIDA CENTRAL, COMEÇOU NELLA A FEBRE DAS CONSTRUÇÕES, ESCRREVENDO ALGUEM EM 1905: "DENTRO DE DOUS ANNOS NAO HAVERA UMA SO CASA PARA CONSTRUIR NA AVENITA CENTRAL". MAL SE DESMORONA UM PREDIO JA ESTAO PROMPTOS OS ALICERCES DOS QUE O SUBSTITUIRA. QUASE TODOS OS TERRENDOS ADQUIRIDOS SE ACHAM EM PRINCIPIO DE CONSTRUÇÃO.

E O REGISTRO OFFICIAL AINDA INFORMA QUE ASSIM COMO "O PAIZ" FOI O PRIMEIRO MORADOR DA NOVA ARTERIA URBANA FUNCIONANDO JA AS RESPECTIVAS OFFICINAS NO SEU PALACETE EM CONSTRUÇÃO. AOS SRs. JUNNUZZ, IRMAO E CIA. CABE A PRIORIDADE DA PRIMEIRA CASA CONSTRUIDA, SITUADA ENTRE AS RUAS SAO JOSE E DA ASSEMBLEIA.

A AVENIDA CENTRAL RAPITAMENTE SE ENCHEU DE PREDIOS, DE TODO O PORTE, TORNANDO - SE DENTRO EM POUCCO MOSTUARIO DE ARCHITETURA, DA BOA E DA MA. NEM SEGUER ESCAPOU A ARCHITETURA ARABA - CARIQCA. UM POUCCO MENOS DE PRESSA E TALVEZ SE HOUVESSE CHEGADO A MELHOR ESTETICA ..."

De acordo com Escragnolle Doria a União "... VISAVA BENEFICIAR OS SEVIÇOS DO COMMERCIO MARITIMO DO RIO. A PREFEITURA MUNICIPAL, POR SUA VEZ, AUXILIARIA A UNIAO, PONDO EM PRATICA PLANOS DE MELHORAMENTO DA CIDADE ... " ou seja "... A PREFEITURA ABRIRIA AS AVENIDAS BEIRA - MAR, MEN DE SA E SALVADOR DE SA, APRIMORARIA A CAPITAL COM UMA SERIE DE MELHORAMENTOS DE



Melindrosa, de "J. Carlos"

VARIA ORDEM ENTRE OS QUAES O THEATRO MUNICIPAL ..."

Durante o decorrer da República Velha foi uma constante a preocupação, tanto por parte da prefeitura municipal como por parte da união, com determinadas formas de manifestação cultural, notadamente com aquelas através das quais era possível ventilar uma imagem de civilização compatível com os anseios da burguesia nacional, que tinha por modelo a estética europeia, particularmente a francesa. O que explica porque, para Arthur de Azevedo, era uma "indigência" o Rio não ter o seu Teatro Municipal. E o porque do sucesso da sua campanha pela inclusão da construção deste entre as obras consideradas como prioritárias. Em alguns anos, o teatro estava concluído: uma miniatura da Ópera de Paris.

A preocupação com a imagem da cidade na europa estimulou a importação de uma série de inovações culturais vinculadas ao lazer. Uma das mais importante foi sem dúvida o RADIO.

Em 8/7/1922 o jornal a noite publicava "...do recinto da exposição ... por meio de telefone - alto - falante, a multidão teve uma sensação inédita. A ópera O GUARANI, de Carlos Gomes, estava sendo cantada no Teatro Municipal, foi ali diretamente ouvida, bem como os aplausos dos artistas." A "sensação inédita", descrita pelo jornal era ouvir a primeira rádio instalada no Brasil. O governo importou um "possante" transmissor de 500 watts e 80 aparelhos receptores. Tudo isso para dar um brilho especial à exposição Internacional que comemorava o centenario da Independência. (14)

Já o cinema foi sem dúvida uma inovação que veio contribuir para a ampliação da inserção da sociedade local nos modelos comportamentais alienígenas. Nos periódicos - como a revista CRUZEIRO, colocada à venda na década de vinte - o cinema, mais particularmente a vida dos artistas de Hollywood, ocupava espaço considerável. Hollywood ditava a moda das saias curtas, dos trajés de banho sumários (para a época), do tabagismo feminino... já em 1908, no cinematographo Pathé, o carioca assistia ao primeiro filme brasileiro com enredo, NHO ANASTACIO CHEGOU DE VIAGEM, dirigido por Júlio Ferrez e fruto da verdadeira febre de produção que atacou o cinema nacional a partir daquele ano.

Outras formas de expressão cultural se faziam presentes na cidade. As crianças podiam se divertir com as aventuras de RECO - RECO, BOLAO E AZEITONA, personagens desenhados por ANGELO AGOSTINI na revista TICO - TICO, lançada em 1905 e destinada a durar mais de meio século. As festinhas se chamavam saraus e não podia faltar ao menos um piano, onde as mocinhas já podiam tocar as primeiras valsas de um jovem compositor paulista que ficara célebre pelo choro TICO - TICO NO FUBA ; Zequinha de Abreu.

" O CHEFE DE POLICIA
PELO TELEFONE
MANDOU ME AVISAR
QUE NA CARIOCA
TEM UMA ROLETA
PARA SE JOGAR"

No carnaval de 1917, o povo cantava nas ruas a ironia ao chefe de polícia Aurelino Leal, que ordenou o fechamento de todas as roletas. Pelo telefone. Música de Ernesto Joaquim Maria dos Santos (o Donga). Letra do jornalista Mauro de Almeida. Estilo: Samba. O primeiro a ser gravado.

Dize-me o que cantas... direi de que bairro és.



«Deixei que tu me desprezes... (Cidade nova, Gombôa, Saúde e adjacências)



«A noite o plenilunio é como um sonho?... (S. Christovam, Villa Isabel, e vizinhanças)



«Non tampo pin!...Vorrei morir!...» (Botafogo, Copacabana, Gávea e outros babéis)

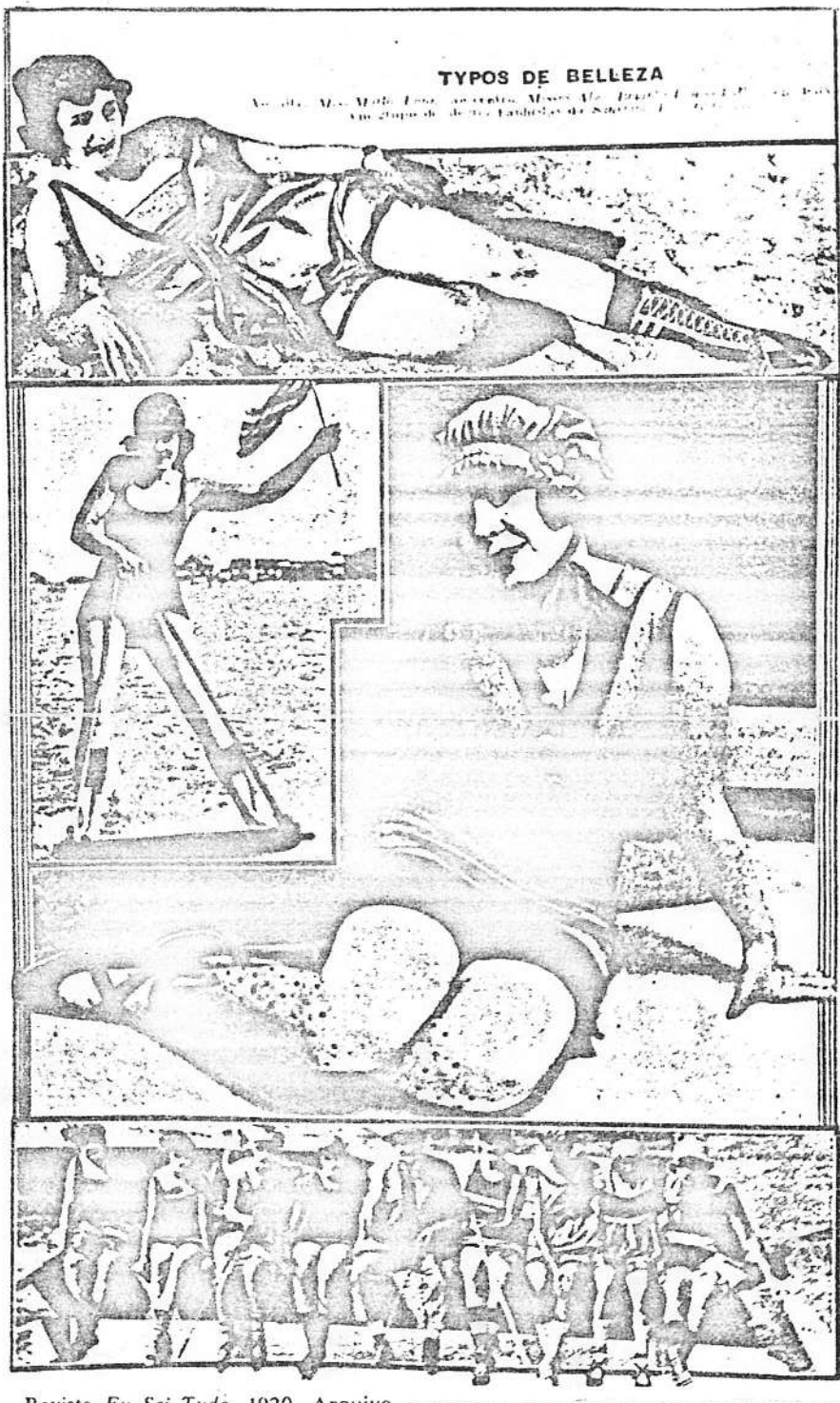


Revista *Eu Sei Tudo*, 1920, Arquivo
Edgard Leuenroth, UNICAMP.



Revista *Eu Sei Tudo*, 1920, Arquivo
Edgard Leuenroth, UNICAMP.

EM VINTE ANOS A MULHER COLOCA A MOSTRA O QUE FICOU
ESCONDIDO POR UM MILENIO !!!



Revista *Eu Sei Tudo*, 1920, Arquivo
Edgard Leuenroth. UNICAMP...







1925-30

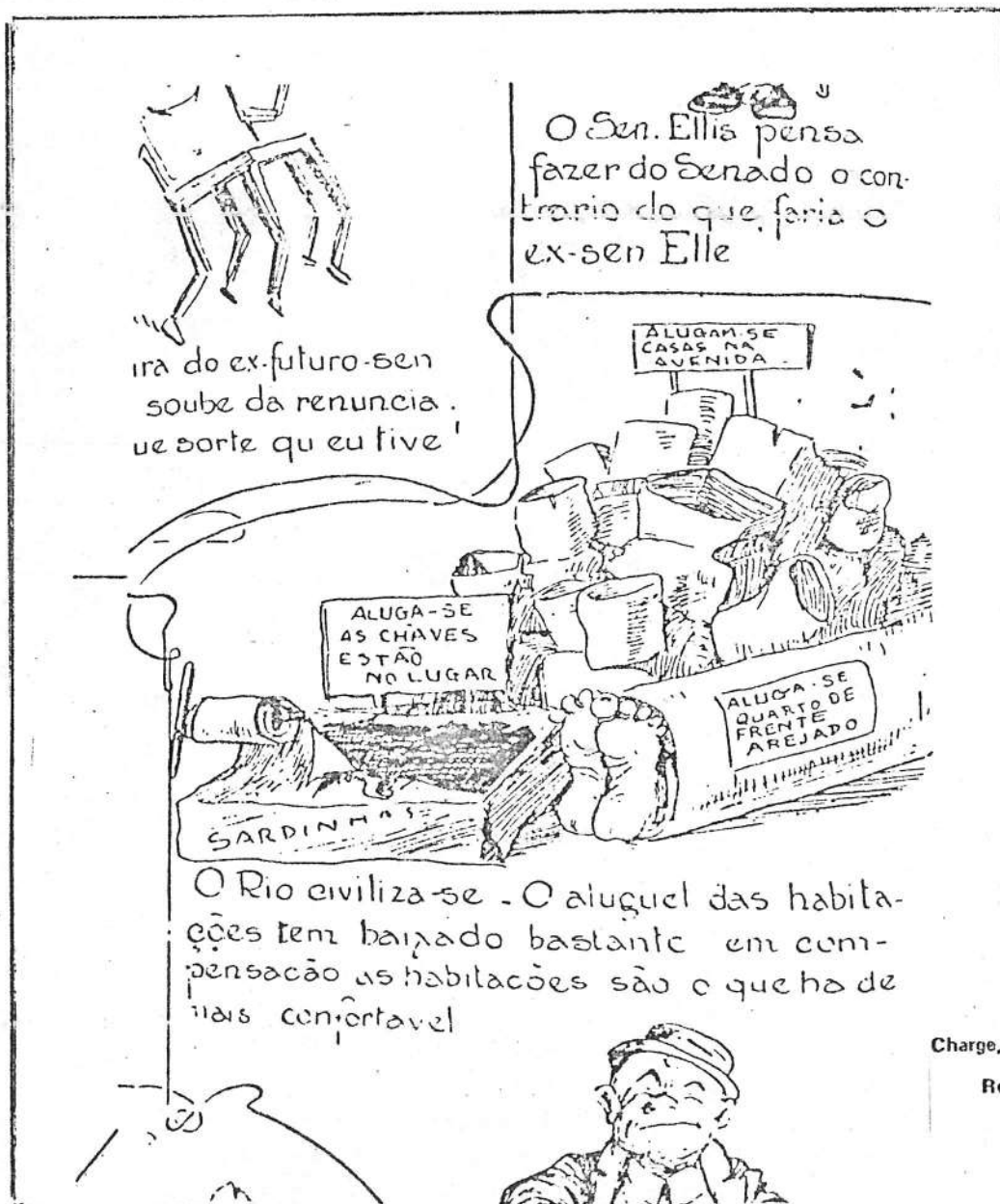


Nas letras pátrias, havia briga de tendências. O reduto do parnasianos era a revista CARETA, lançada em 1908 e dirigida pelo caricaturista J. Carlos (a revista, litero - satírico - política, como era moda na época, seria uma aliada de Rui Barbosa na Campanha Civilista -1909); os simbolistas escreviam na FON - FON, lançada em 1907 com a colaboração de caricaturistas da estatura de K. Listo, J. Carlos e Raul Pederneiras. No século XIX anterior, influenciados por princípios estéticos importados da europa, da França principalmente, os escritores brasileiros haviam iniciada uma oposição ao romantismo, lançando entre nós o realismo e o naturalismo (na prosa) e o parnasianismo (na poesia). O artista devia igualar-se ao cientista - segundo a nova tendencia que acompanhava o movimento geral da sociedade : o endeusamento da ciência como fonte de redenção para a homem; ideário que estava presente no discurso dos médicos sanitaristas e que marcou as reformas do início do século - pois aos dois cabia observar a realidade e descrevê-la com insenção de sentimentos. No realismo-naturalista se destacam Aluisio de azevedo, Inglês de Souza e Adolfo Caminha. O parnasianismo, representado por Raimundo Correia, Olavo Bilac e Francisca Júlia, logo cairia no clichê, no rigorosismo formal sem função. Daí destacar-se, como proposta nova no meio da estagnação parnasiana o simbolismo - iniciado em 1893 pelo poeta negro Cruz e Sousa.

Mas a cultura oficial, verbalista e alienada, seria sacudida na mesma época pela prosa de Euclides da Cunha, Monteiro Lobato, Graça Aranha e Lima Barreto. A denúncia ainda hesitante em Euclides, firma-se em Lima Barreto que, através de uma prosa fluente, retrata a vida na cidade do Rio de Janeiro:

Copiar

(...) ATUALMENTE, NADA MAIS METE MEDO A UM POBRE DIABO QUE A TAL HISTORIA DE ALUGEL DE CASA. NAO HA QUEM NAO ESTEJA PAGANDO, POR TRAPEIRAS, EXORBITANTES LOCAÇÕES DIGNAS DA BOLSA DOS RICAÇOS E ALTOS ESCROCS INTERNACIONAIS. UM AMIGO MEU, PAGA ATUALMENTE, NOS CONFINOS DOS SUBURBIOS, O AVANTAJADO ALUGEL DE DUZENTOS E CINCO MIL REIS POR UMA CASA QUE, HA DOIS ANOS NAO LHE CUSTAVA MAIS DE CENTO E CINCOENTA MIL-REIS. PARA MELHORAR TAL ESTADO DE COUSAS A PREFEITURA PÔE A BAIXO O CASTELO E ADJACENCIAS, DEMOLINDO ALUGUNS MILHARES DE PREDIOS, CUJOS MORADORES VAO AUMENTAR A PROCURA E ENCARECER, PORTANTO, AINDA MAIS, AS RENDAS DAS HABITAÇÕES MERCENARIAS." (15)



Charge, criticando as condições da moradia no Rio.
Revista da Semana, ano XVI,
nº 38, 30-10-1915
AGCHJ

Na cidade - vitrine o preconceito oficial contra a cultura popular, contra formas comportamentais não identificadas com o ideário da civilização e do modernismo, ditava o seu não reconhecimento por parte da elite e a castração da sua "voz" enquanto legítima manifestação cultural "tupiniquim" : a estética popular se contrapõe a estética do "cidadão oficial" . Por esta época o violão não era reconhecido pela burguesia nacional como instrumento socialmente aceitável. Catulo da Paixão Cearense, em 5 de julho de 1908, consegue, com o apoio do maestro Alberto Nepunocemo, realizar uma audição no salão do Instituto Nacional de Música. Para tanto deve que superar os violentos ataques de Osório Duque Estrada, indignado com a "profanação".



, Cantor de modinhas (J. Carlos)



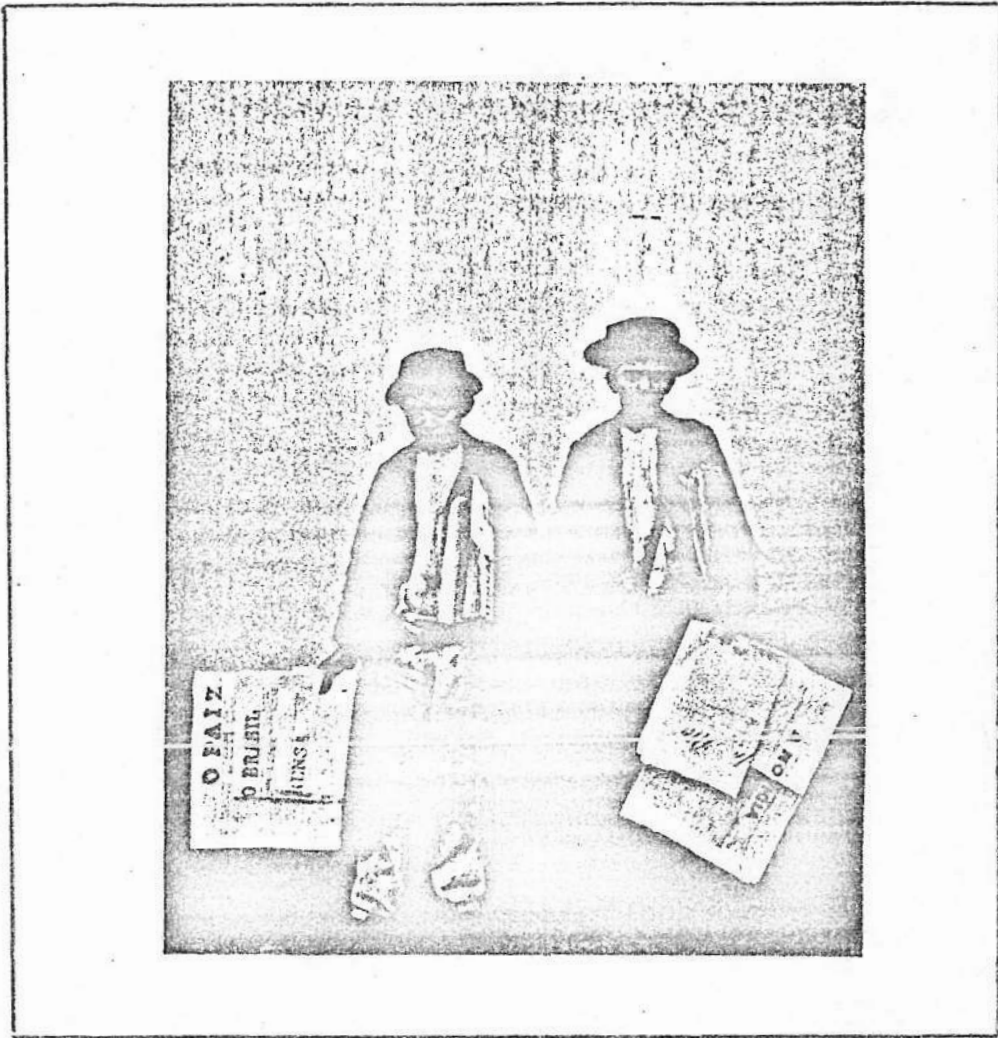
A INDIFERENÇA DA SOCIEDADE BURGUESA

"CALOU" A VOZ DO POVO

DE FORMA BEM MAIS SUTIL.

Os periódicos - jornais e revistas - foram o palanque de onde se irradiou o pensamento político dos mais variados matizes. A visão dos articulista retratava a vivencia do dia a dia de uma cidade inserida na dinâmica das transformações espaciais, motivadas, sobretudo, pela necessidade de se adequar o urbano as demandas emergentes do processo de concentração e acumulação do capital.

Folheando as páginas de revistas da época, com "O MALHO", "FON - FON", "CARETA", "SEMANA ILLUSTRADA", "RENASCENÇA", "KOSMOS", "VIDA DOMESTICA", ou jornais como "O IMPARCIAL", "RUA DO OUVIDOR", "JORNAL DO COMÉRCIO", "JORNAL DAS FAMILIAS", percebe-se que, das obras concretizadas pelas sucessivas administrações municipais, a Avenida Central foi a que maior polêmica suscitou. Em linhas gerais a abertura desta avenida foi vista como sendo o resultado do gesto autoritário do poder municipal, apoiada pelos adeptos do pensamento jacobino, criticada pelos civilistas, anarquistas e outros, mas reconhecida como sendo fruto de uma necessidade preemente pela intelectualidade, porta - voz da burguesia local, para quem o traçado da avenida resultou no desaparecimento dos feios cortiços, no banimento da desordem carnavalesca, na expulsão do mal gosto dos trajes e dos antrajosos populares, abre espaço para o passeio da família burguesa, para o refinamento dos gestos, para a bela e monumentosa arquitetura. A avenida foi a "lei áurea" para as "famílias de bem" que, da "clausura" dos lares, conquistou a liberdade das ruas, saneadas da insuportável presença dos humildes, negros, dos mulatos, dos imigrantes sem eira nem beira,



MARC FERREZ
"Jornaleiros" (Rio, 1895)

51 b

que atulhavam as estreitas vias do passado com seus gritos, com seu comércio ambulante, com suas eternas disputas ...

O RIO CIVILIZA - SE!

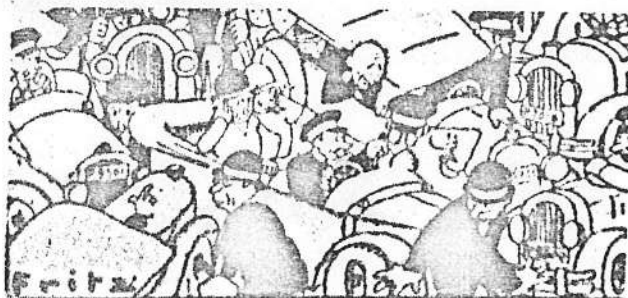
Expressão sempre presente, preocupação maior de todos aqueles que sabem reconhecer os benefícios do progresso e que são por ele beneficiados. Expressão que frequenta as confeitarias, cafés e nos refinados e exclusivos clubes que se inauguram. Expressão que alardeia os méritos da beleza pública em contraste ao triste alarido das práticas colonial, emitido pela plebe rude que por tanto tempo aprisionou o potencialmente belo nas sombras dos lares.

"E SABBADO, A TARDE RESPLANDESCENTE, DE SOL, SO OIRO, DE CEU, SO AZUL. A AVENIDA REGORGITA DE OCUPADOS E DESOCUPADOS. OS INSPETORES DE VEHICULOS OS INPEDEM DE ATROPELLAR SEM CUSTO, OU MATAR SEM CERIMONIA. O ENTRA - SAHE DAS LOJAS AUGMENTA A CADA INSTANTE. AS MOÇAS PASSAM. AO ARREPIO DOS SEXOS, AS MELINDROSAS TEM AS VEZES GESTOS MASCULINOS, OS ALMOFADINHAS REQUEBROS FEMININOS. A AVENIDA E MULTIDÃO, VIDA, LUXO ALEGRIA." (15)



OS
ACIDENTES DE TRANSITO
SE TORNARAM
UMA CONSTANTE.

Na charge de Storni (A Careta, 1926) S. Pedro dá uma bronca: "Voces estavam escriturados para falecerem daqui a 10,20,30 anos."

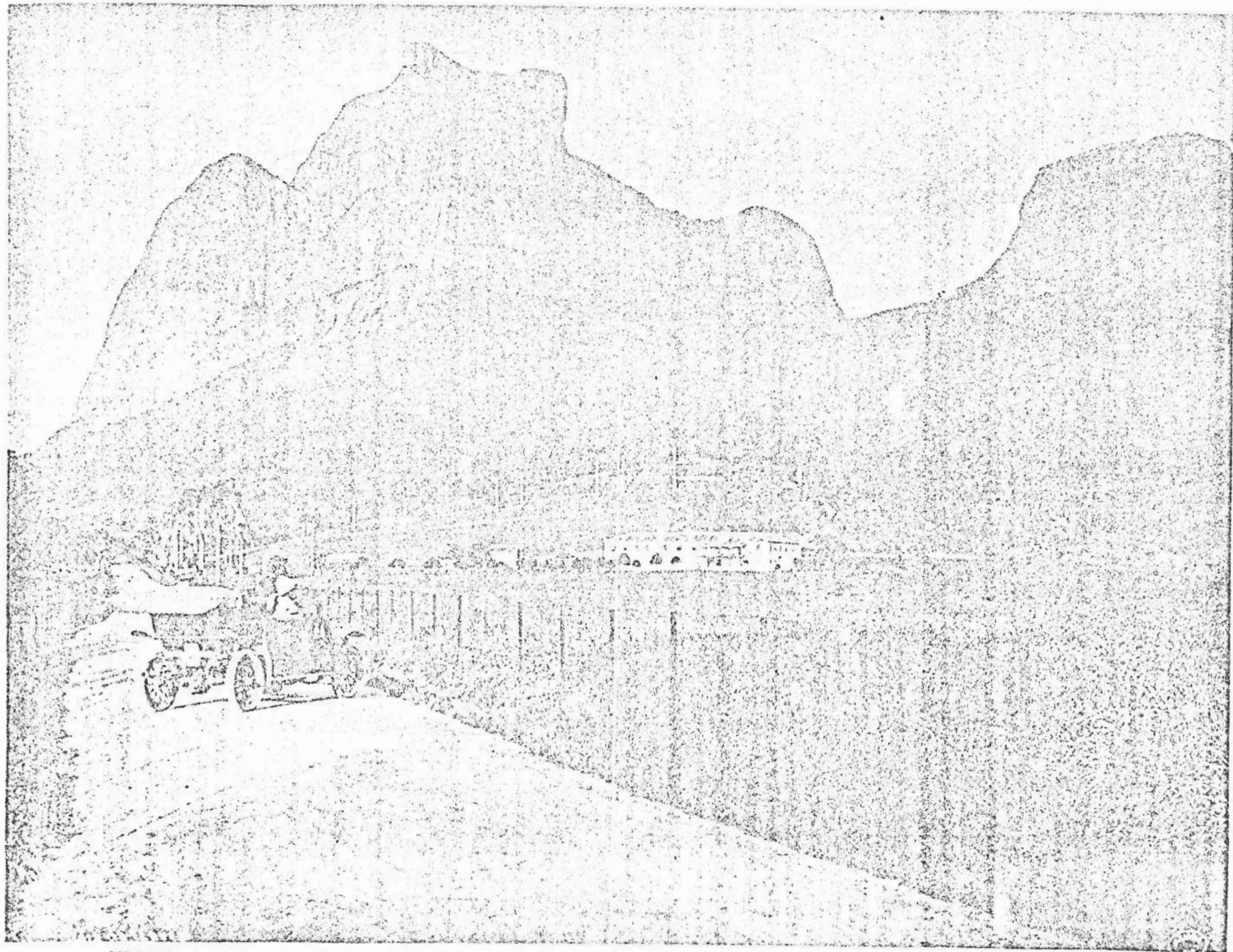


NOTÍCIAS SOBRE ACIDENTES DE TRÂNSITO COMEÇARAM A APARECER COM UMA CERTA REGULARIDADE NA IMPRENSA CARIOCA.

ERA O PREÇO QUE SE PAGAVA POR USUFRUIR - SE DAS BENEFÍCIAS DO PROGRESSO..



Na charge de J. Carlos - D. Malho, 1923 - o sujeito de bengala pergunta se o outro está vendendo ferro velho. A resposta: "Não. comprei um automóvel de manhã, dei umas voltas e agora vou para a casa



MALTA

Na avenida percorrem os "CORSOS", expressão da alegria coletiva, disciplinada e elitizada, onde a família carioca se esmera no luxo rebuscado das fantasias. Na decoração dos veículos, a graça do desperdício e da ostentação, só possível após o banimento para outras paragens da atortoante algaçarra do popular ZE PEREIRA, infeliz costume carnavalesco que floresceu no século passado, que entupia as ruas com uma plebe buliçosa e estúpida.



O Ze-Pereira

"A princípio o ZE PEREIRA é um pretio de fragoroso alarido. Batecum. Estrondear de pelicas. Berraria caótica e hiperacústica de sons loucos, de barulheira louca. Não se canta. De resto, as palavras não seriam ouvidas, ante o ensurdecedor e reboante conflito dos estrontos e retumbos que a fúria de braços vigorosos arranca, violentamente, ao ôco das caixas, dos bombos e tambores.

Só quando aqui chega a marcha buliçosa dos POMPIERS DE NANTERRE, que o povo carioca barulha e o assobio do moleque pela rua desafina e consagra, é que se consegue um pouco de armistício para o ouvido do próximo. Habeas - Corpus feliz. Tregua amável. Não há ranjo carnavalesco que não cante

E VIVA O ZE PEREIRA
QUE A NINGUEM FAZ MAL,
E VIVA A BEBEDEIRA
DOS DIAS DE CARNAVAL!

Logo, porém, recomeça o tam - tam cavernoso das pelicas em sova, enquanto a massa estofada e bulhenta ondula, rola em fúria acessa pelas ruas estreitas da cidade, como uma roda de fogo movida por satã.



Rei dos Diabos

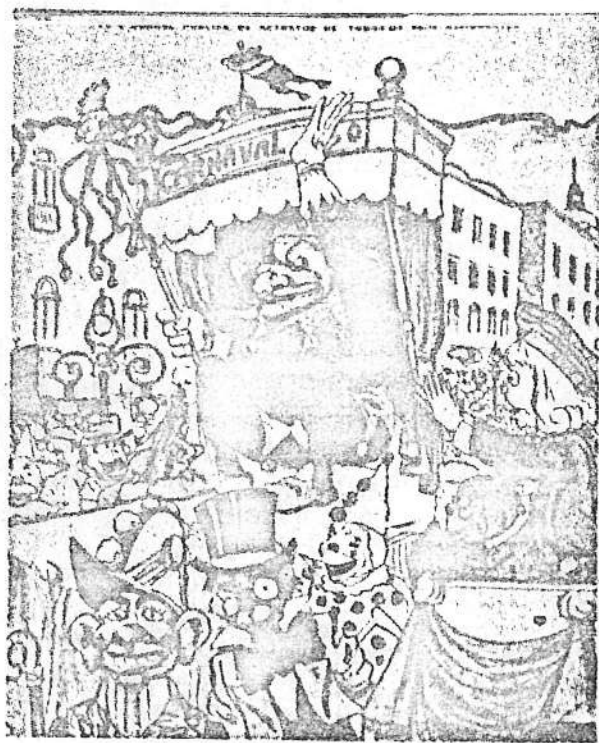
E o negro. E o branco. E o mulato. E o Brasil. E toda a nacionalidade borbulhando, estorcendo - se, saltando bocas em OS. Faces hilares pingando suor ou zarcão. Trejeitos. Saracoteios. Chufas. Guinchos. Loucura geral. Os que tem juízo fogem ... Os irracianais, acostumados ao homem melancólico, rosnam e, desconfiados, olham - no de solaió. E continua a multidão aos boléus, pelas ruas, sanhuda e desenfreada ...

Só depois de 1904, com a remodelação da cidade e o natural cancelamento de certas tradições é que o ZE PEREIRA começa a esmorecer. O RIO CIVILIZA - SE diz - se pelos jornais. E os ruidos barbaros são convidados a desaparecer de uma cidade que começa a cultivar a civilização! Acaba aí por 1906,7,8, como todas as coisas acabam, mas com esplendor e com glória ...

No carnaval "... o Rio transforma - se numa cidade alegre de mascarados, onde todos mais ou menos se divertem. Só o aristocrata, o elegante, que foi à exposição de 1900, em Paris, mora em Botafogo ou em Aguas - Férreas muito cioso do seu chapéu haute - forme, comprado na rua Royale, e dos seus vernizes, mandados fazer ao Incroyable, foge dos desvarios de Momo, trancando - se no seu palacete de grades prateadas, quando não abala , a correr, caminho de Petropolis. O Rio da época ainda é um miseravel povoado, sem grandes hotéis de luxo, sem numerosas carruagens, sobretudo sem conforto e sem chique. A cidade é de comendadores analfabetos, burgo comercial estrangeiro e pobre, desagradavel ao alfato; onde vicejam velhas e prosaicas tradições com as quais os espiritos de certa distinção vivem em desacordo, quando não vivem em luta a mais aberta e acesa. Não há lugar,

portanto, onde o aristocrata possa se divertir. Por isso sai ele da cidade, ou quando fica, isola - se." (16)

A Avenida Central veio liberar o elegante do banimento voluntário na época do carnaval. A abertura ao tráfego permitiu não só o desfile dos pretidos carnavalescos em estilo grandioso, como a participação das "boas famílias" na festa, em cima de veículos, o que garantia a privacidade nos folgetos. Na década de vinte as oportunidades de participação se multiplicam, os clubes recreativos - familiares - promovem bailes carnavalescos com frequência restrita aos sócios. O que amplia a distancia entre a família elegante e o popular carnaval.

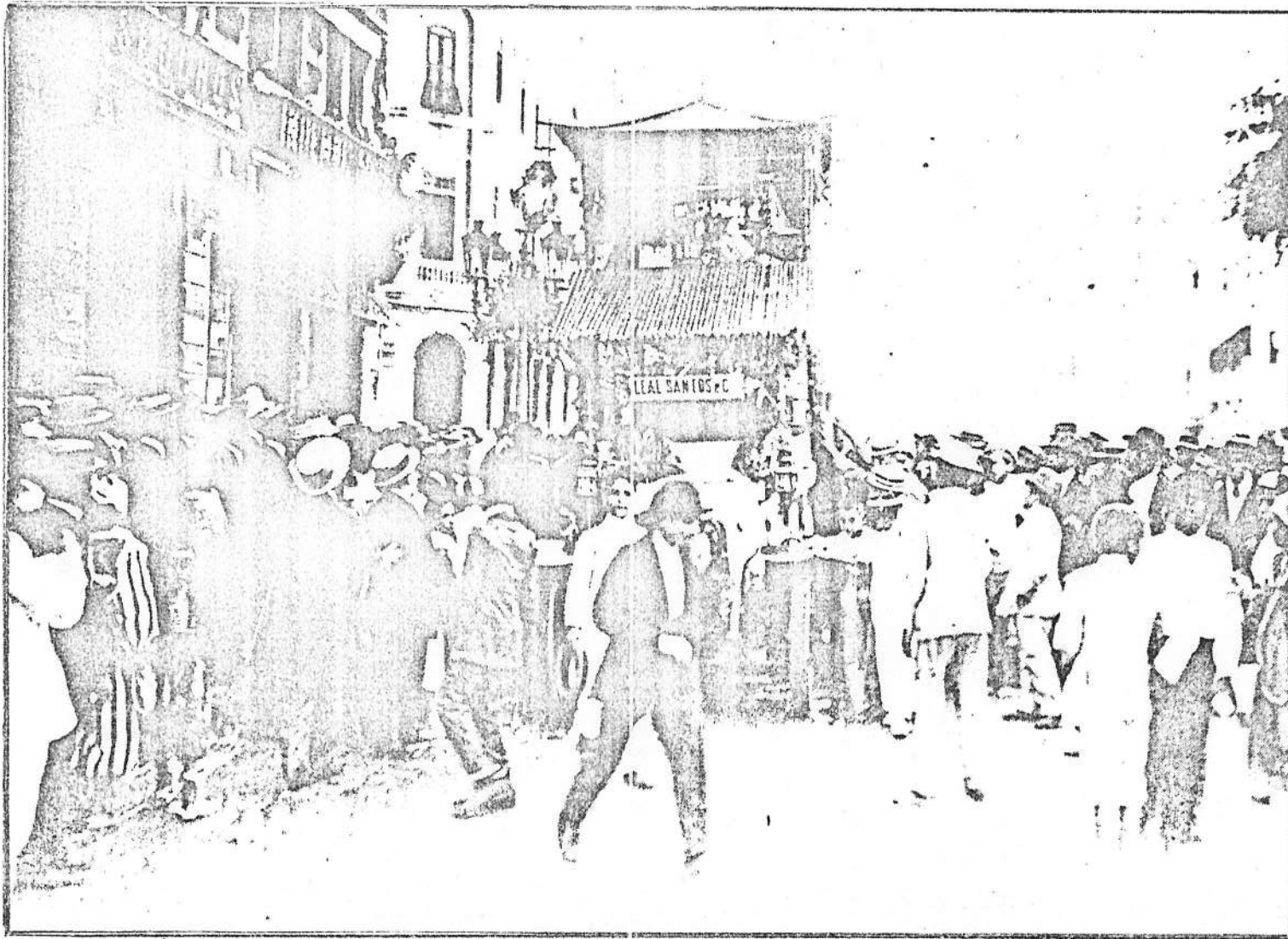




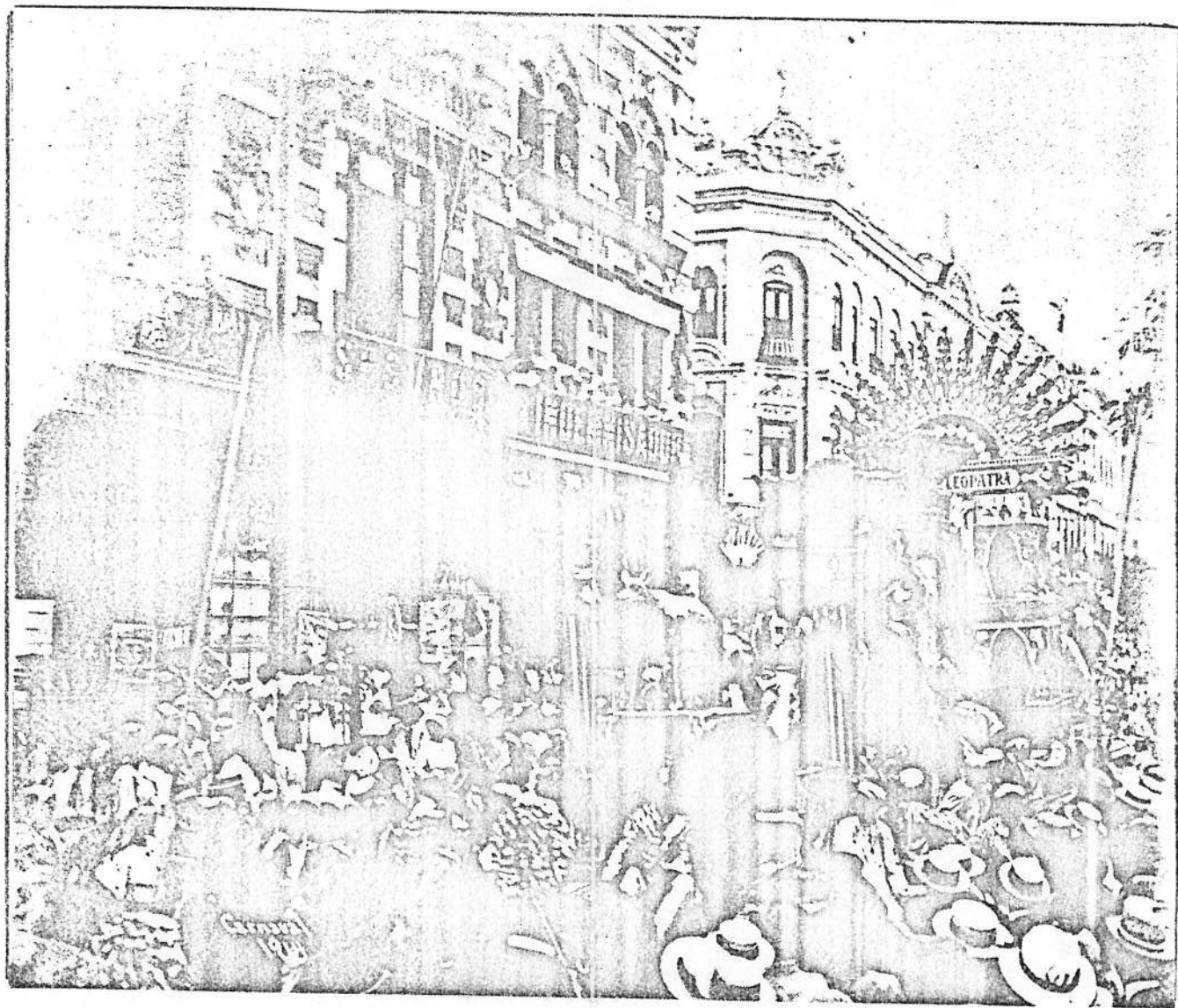
COM OS BAILES CARNAVALESÇOS PATROCINADOS POR CLUBES EXCLUSIVOS, O ELEGANTE PODE ENFIM "CURTIR" COM PRIVACIDADE OS FESTEJOS DE MOMO.

AS PRINCIPAIS REVISTAS DA EPOCA, ABREM ESPECIAL ESPAÇO PARA ACONTECIMENTO MUNDANOS. SEUS CRONISTAS SOCIAIS NAO SO TECEM COMENTARIOS A RESPEITO DA FESTA COMO UM TODO, MAS COMO ELEGEM A FANTASIA MAIS BONITA, A MAIS ELEGANTE, O GRUPO MAIS ANIMADO ...

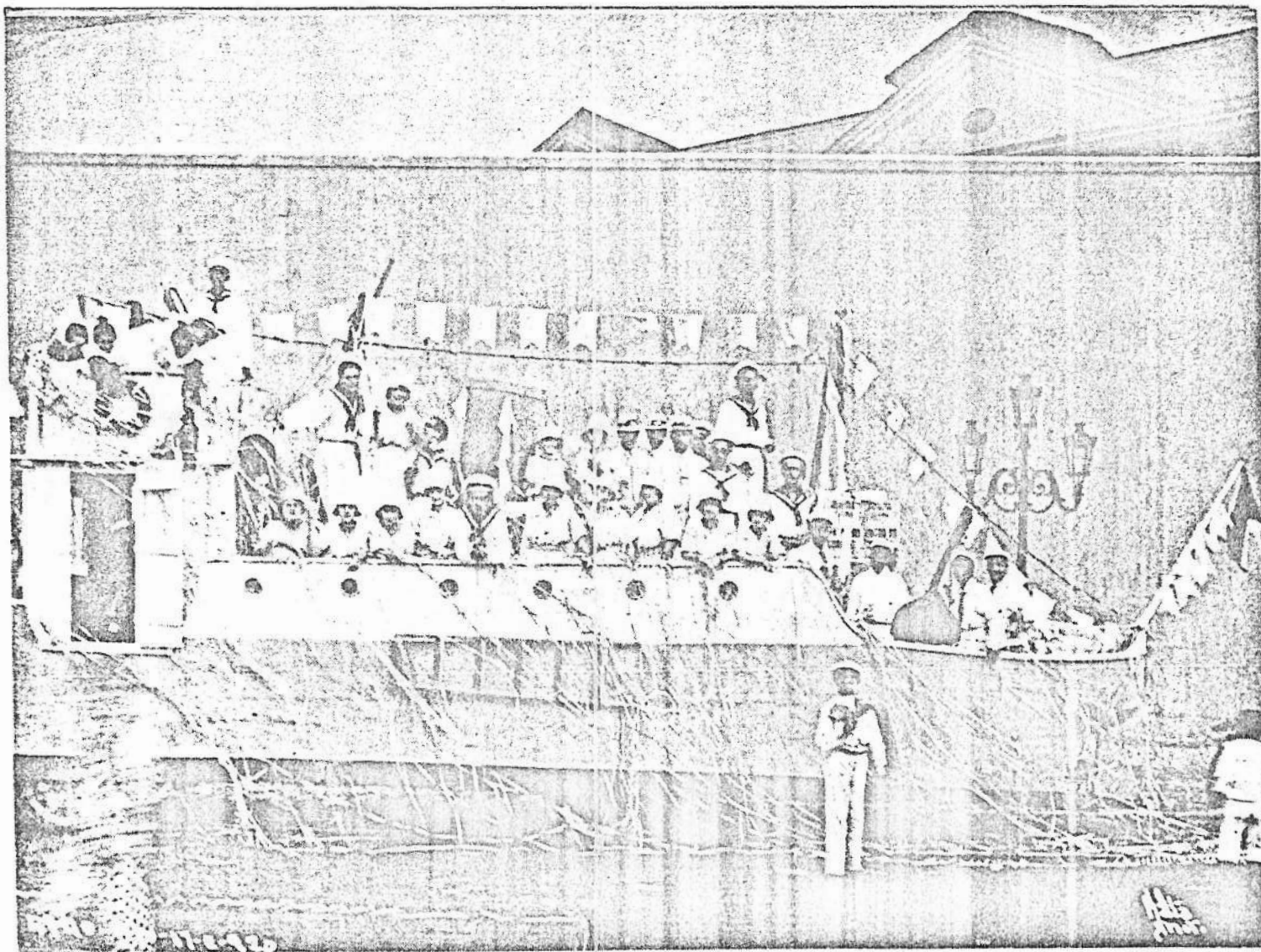
FOTOS — MALTA



1911, Av. Rio Branco



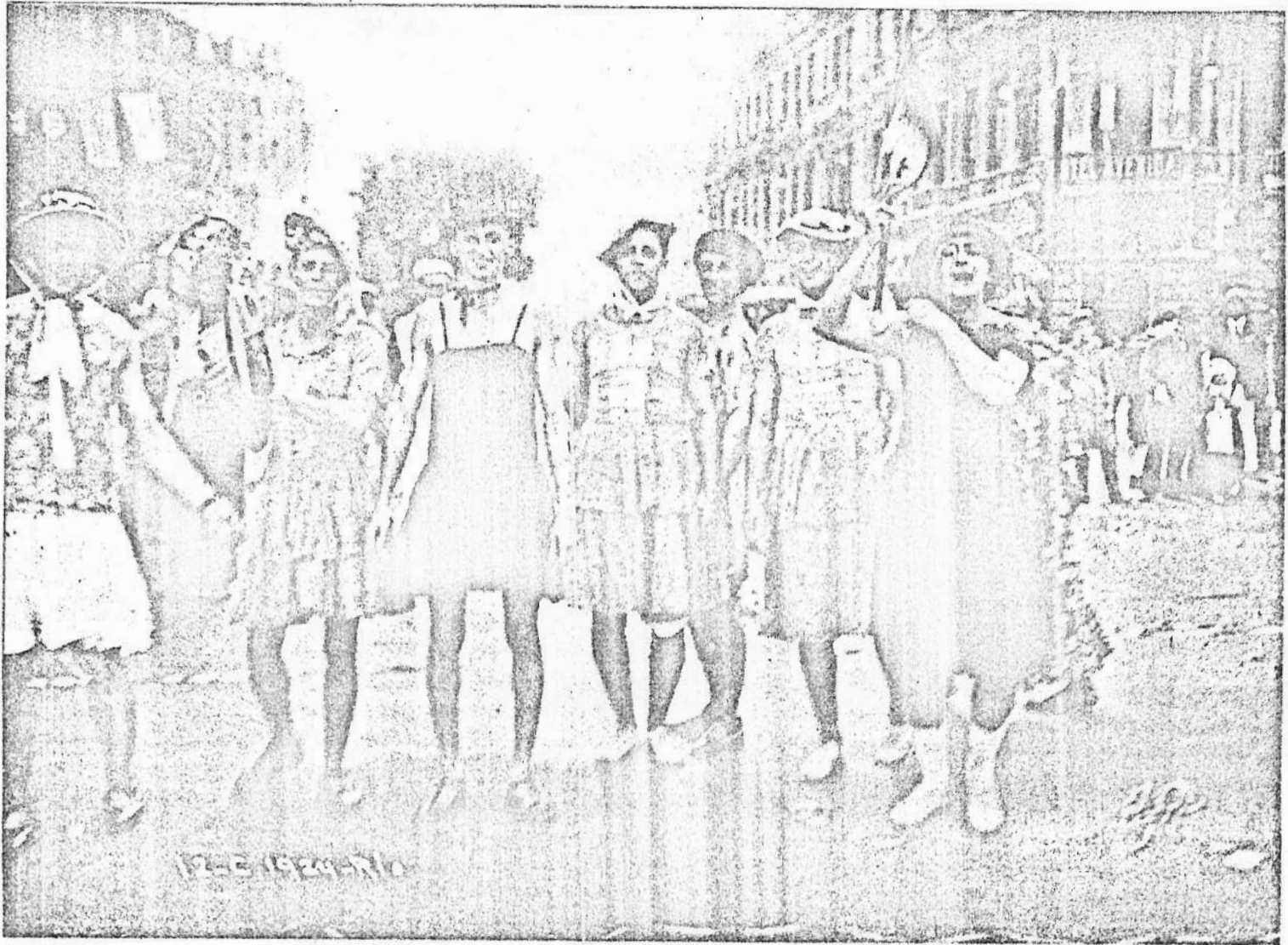
1914, Av. Rio Branco



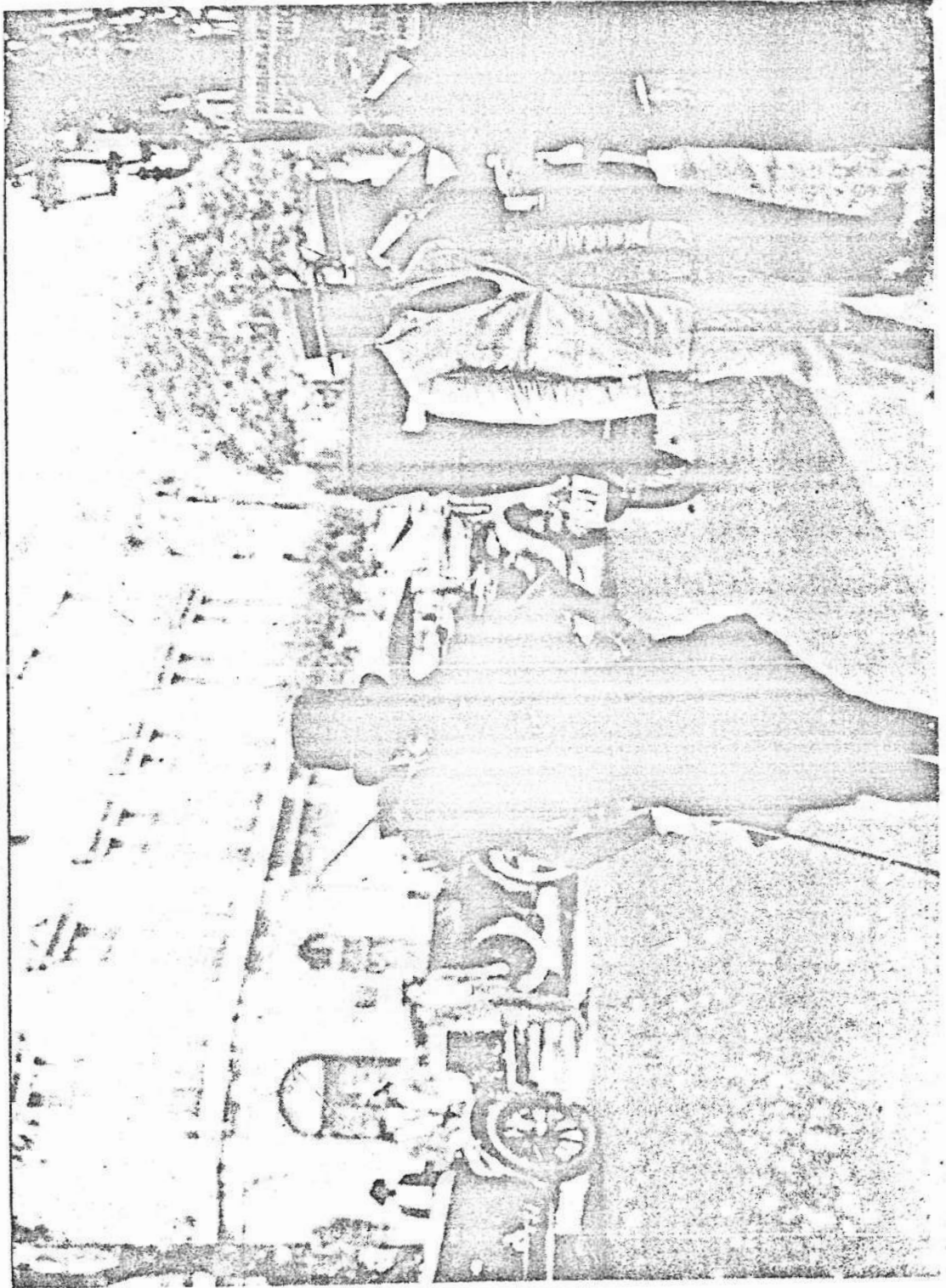
1920, Av. Rio Branco



1920, Av. Rio Branco



1924, Av. Rio Branco



O carnaval não é o único acontecimento a lotar a avenida. "...Todos os grandes acontecimentos da cidade imensa nella encontram cenário, do mais festivo ao mais solennes, da chegada dos reis da Bélgica a dos restos mortaes de D. Pedre II ... A avenida é palco da Capital. A população fornece os espectadores para as manifestações reas, a nada por coroação ou para as apotheoses de empreitada a tanto por cabeça ..."(17)

E ainda na avenida que a "moça de familia vai as compras". Desacompanhada! Atitude impensavel na adolescencia materna. Para usufruir tal liberdade a que se adequar os trajés: das saias longas, verdadeiras vassouras da poeira pública, para costumes de talhe justo e curto, pondo a mostra dantes escondidos tornozelos. Acrescentando um toque de sensualidade a esbelta figura um arrogante chapeuzinho de origem masculina. A moda da avenida atrabelha os movimentos, dificulta o acesso ao interior dos veículos, mas no apelar a antomia que se põe a mostra pelo arreganhar das saias merece um olhar galante do almofadinha: gomalina no cabelo, sapato bico fino, ar "blase" e gestos dolentes.

As mulheres, no principio, eram todas timidas. Não levantavam os olhos nas ruas, mal saiam de casa, casavam por combinação entre os pais. Mas, lentamente e com segurança, passaram a ter alguma voz. E, na primeira década do século, as mulheres começaram a descobrir o mundo. As da classe média que eram obrigadas a trabalhar podiam ser enfermeiras, parteiras ou professoras primárias. As da classe pobre acompanharam a expansão da industria: 33,7% do proletariado industrial em 1920 era

constituído por mulheres, nas fabricas de tecido, confecções e fumo. Trabalhavam 12 horas por dia, em locais insalubres e inseguros, por salários muito baixos.

Essas mulheres eram o tema de Elizabetta Valentini e Laura Brandão, quando o papel feminino começou a ser discutido. Em 1918, a bióloga Bertha Luz volta da europa e começa a sua luta pela mulher. Poucos davam ouvidos. Os homens então estavam escandalizados, com as valsas, polcas, tangos e maxixes de Chiquinha Gonzaga, músicas executadas por Nair de Teffé, esposa do presidente da República, ao violão. Ao violão! Mesmo assim o movimento avançava. Entre 1901 e 1919, foram registradas 22 greves em fabricas têxteis, onde a maior força de trabalho era feminina. Em 1932 conseguem ter reconhecido o seu direito ao voto, o seu direito de serem cidadãs.

Na década de vinte, quanto a liberação feminina parecia irreversível, começaram a aparecer artigos que tratavam do comportamento da mulher em público. Os conselhos iam deste o vestuário mais adequado à maneira de sentar. Por esta época começa também a ser publicado pequenos contos, em sua maioria de autores americanos, que tem por protagonista principal a mulher que trabalha. Nestes contos a mulher trabalhadora está exposta a todos os tipos de perigo e tentações e, se vacilar, a sociedade, enquanto entidade protetora da moral e dos bons costumes, punirá, em nome do bem público, a infração cometida. Afinal o lugar da mulher é no lar, cuidando do marido e dos filhos. Formulação que aparecerá com maior ênfase quando a protagonista tiver a pretensão descabida de seguir carreira profissional, em

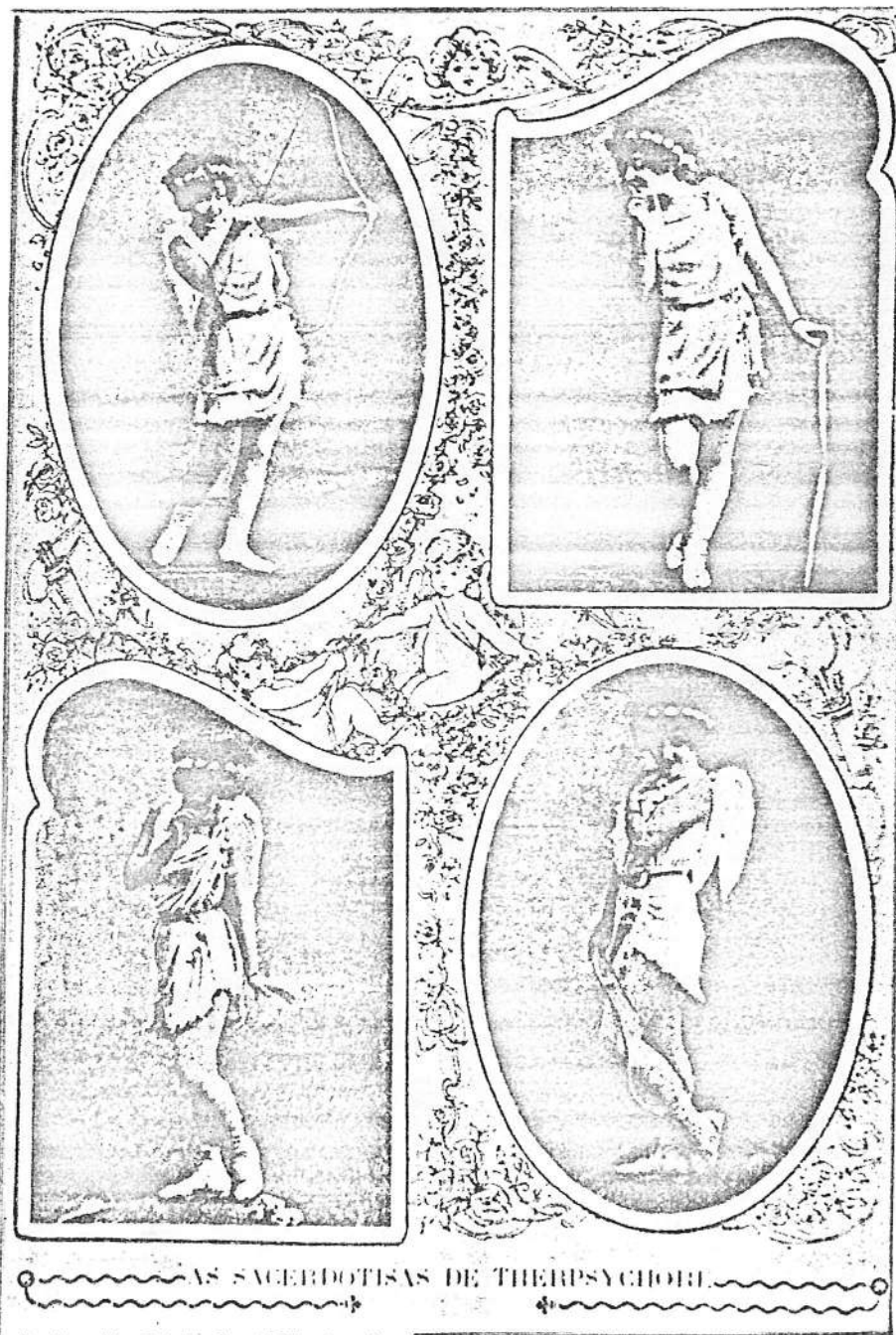
detrimento do seu papel na família. Estes contos correspondiam a realidade da mulher americana, no sentido de que lá o trabalho feminino estava presente em quase todos os setores da economia. Já no Brasil estes contos pareciam ter efeito apenas preventivo, na medida em que eram lidos, quase que exclusivamente, por mulheres de classe média, do "lar". E, além disso, a mulher retratada raramente era operária -a não ser como contraponto para a heroína virtuosa. E, no Brasil, a mulher operária, analfabeta (no geral) compunham a quase totalidade da força de trabalho feminino empregada.

Se no início do século o recato era postura obrigatória, havia aquelas que dele abriam mão: "... as mulheres apresentando-se (no carnaval) quase como Frinéias no Aerópago, inteiramente nuas, da cabeça aos pés, os corpos mal velados por maillots de finíssimas e transparentes sedas." (18) A desfilar encima dos carros alegóricos das grandes sociedades carnavalescas.



Uma pose ousada, que ficaria famosa nos maços de cigarro YOLANDA.

A POSE OUSADA FREQUENTA O LAR FAMILIAR LEVADA PELA
REVISTA DA FAMILIA.



AS SACERDOTISAS DE THERPSYCHOE.
Revista *Eu Sei Tudo*, 1920, Arquivo
Edgard Leuenroth, UNICAMP.

Os contrastes sociais não se restringiam ao meramente econômico. A mulher do povo gozava de liberdade desconhecida à elegante. Mesmo que limitada pela moral vingente e pelo machismo predominante em todas as classes. Sua maior liberdade era a de poder sair a rua com maior frequência e com menor controle. Era a liberdade, conquistada pela necessidade, de trabalhar fora do lar, de ser "dona do seu nariz".

A penetração das normas comportamentais importadas da sociedade americana, bem mais liberais, o desejo de "estar na moda", de "ser moderna", a introdução de inovações que facilitam as tarefas domésticas, a expansão quantitativa da classe média, cujo poder aquisitivo não comporta gastos com salário de empregados domésticos (um ou dois no máximo) permitem a mulher abandonar o lar por algumas horas, seja para ir ao mercado, para ir a modista, para o chá com a amiga, para levar as crianças a praça. A reforma urbana de Pereira Passos, ao limitar a circulação de vendedores ambulantes - do peixeiro, do homem da vaca - principal fornecedor de leite para a população - do verdureiro, do homem das galinhas, dos perus ... introduziu a necessidade da mulher se deslocar até os estabelecimentos comerciais para poder adquirir os gêneros que até então lhe eram fornecidos na porta de casa. A atração exercida pelo comércio que se instala na Avenida Central, aliada a comodidade de se poder dispor de amplas calçadas, livres da frequência da ralé, e de meios de transporte coletivos, o bonde, que lhe facilitam o acesso, fizeram o resto. A mulher "direita" conquista as ruas!

E é no ambiente afrancesado da Avenida, onde cabe mal a

inaugura-se

A

festA



folclArica

1929-30

tacanha mentalidade avoenga e usanças tradicionais, que a mulher burguesa irá exercer, inicialmente, a sua nova liberdade. O novo, então se impõe, solapando a antiga moral.

A tradição deve ser superada para dar vez a realização das exigências de uma geração que clama pelo reconhecimento público de seus méritos pecuniários, que lhe faculta a escalada, desimpedida do entulho nobiliário, ao topo da hierarquia social.

Na nova sociedade que aflora das crônicas sociais, a nobreza do título da vez ao status do indivíduo, conquistado pelo seu desempenho econômico, mas traduzido pelo seu comportamento social. Os cronistas se esmeram na louvação do sucesso pessoal, na descrição dos eventos privados, no detalhamento dos trajes. Elegem a anfitriã do ano. A mais elegante. Promovem concursos de beleza, como o patrocinado pelo jornal Rua do Ouvidor que em 1901 promoveu o primeiro concurso de beleza feminina, eleita a srta. Marina Braga, futura esposa de Alfredo Rui Barbosa. Já na década seguinte, a revista Cruzeiro dedica enorme espaço a eleição de miss Brasil. Na seção Dona na Sociedade desta revista, publicada em 1928, saiu publicado o seguinte comentário:

"Miss 1928 pôs mais um sorriso e mais uma banalidade na sua boca de fruta madura: "O Rio civiliza - se!"

As crônicas sociais cobrem eventos de todo o tipo e ordem no intuito de propiciar aos leitores a noção de "quem é quem" na sociedade carioca. O informe social logo se alastrou, assumindo importância crescente; ganhando seção especial, onde se publicava

notícias como estas:

"FORMATURA - Srta Aurora da Silva, que concluiu brilhantemente o curso ginasial do Colégio Pedro II é, também, distinto ornamento da sociedade carioca. E filha do Sr. Jose; Teixeira da Silva conceituado negociante desta praça e de dona Almicinha Oliveira da Silva." Vida Doméstica, 1923.

Ou esta publicada no Jornal do Brasil :

"Os passarinhos alegres ao romper da aurora do dia de hoje cantarão no poleiro da amizade, saudando dona Felismina da Conceição (finoca) que hoje colhe mais uma cheirosa flor no jardim de sua preciosa existencia.

Salve 5 de maio de 1901!".

A sociedade retratada nas páginas dos periódicos era a sociedade idealizada, bem comportada, cumpridora do seu dever para com a pátria e para com a família. Era a sociedade liberada pela civilização, pela introdução de novos e saudáveis hábitos aprendidos na escola ou através das seções dedicadas, nos principais veículos de comunicação, a fornecer valiosas informações a respeito de espinhosas questões de etiqueta, de moral... fornecendo ainda conselhos de economia doméstica, advertência de elegância, lançando moda. Informações ainda mais valiosas dada a velocidade com que eram introduzidas as novidades, numa cidade em constante mudança. Que ansiava por ter

reconhecido o seu caráter cosmopolita. Era, enfim, a sociedade burguesa ditando suas próprias regras comportamentais.

Era, enfim, a vitória da estética humana saneada e embelezada. Era a vitória sobre os odores do corpo, a oliosidade da pele, o sebo do couro cabeludo, o encardido dos dentes; banidos pelo dentífrico, pelo sabonete, pela loção higienica.

Era enfim a superação do complexo de inferioridade ANDO NOS VISITA ESTAVAMOS FATIGADOS DA NOSSA MEDIANIA, DO NOSSO RELAXAMENTO; A VISÃO DE BUENOS AIRES, MUITO LIMPA, CATITA, ELEGANTE, PROVOCAVA - NOS E ENCHIA - NOS DE LOUCOS DESEJOS DE IGUALA - LA. HAVIA NISSO UMA GRANDE QUESTÃO DE AMOR-PROPRIO NACIONAL E UM ESTULTO DESEJO DE NÃO PERMITIR QUE OS ESTRANGEIROS, AO VOLTAREM, ENCHESSEM DE CRITICAS A NOSSA CIDADE E A NOSSA CIVILIZAÇÃO. (...) A ARGENTINA NÃO NOS DEVIA VENCER; O RIO DE JANEIRO NÃO PODIA CONTINUAR A SER UMA ESTAÇÃO DE CARVÃO, ENQUANTO QUE BUENOS AIRES ERA UMA VERDADEIRA CAPITAL EUROPEIA. COMO É QUE NÃO TINHAMOS AVENIDAS LARGAS, PASSEIOS DE CARRUAGENS, HOTEIS DE CASACA, CLUBES DE JOGOS? (20)



Maxixe carioca



A comparação do Rio de Janeiro com Buenos Aires foi uma constante na Imprensa Carioca do final do século XIX e início do século atual. As críticas à Intendência Municipal, ao estado sanitário da cidade e à ausência de melhoramentos urbanos eram inúmeras, como bem demonstra esta charge.

CONCLUSÃO

As obras realizadas pelos governos municipais e da União, ao remodelarem o sistema de circulação interna e externa da cidade, não só reduziram os custos da circulação e os da produção, como também reorientaram a ocupação do espaço, descentralizando - o, e, concomitantemente, introduzindo novas formas de segregação espacial. A intervenção do poder público resultou em forte estímulo a diversos setores da economia carioca, em especial a indústria que, internalizando os benefícios decorrentes de tais obras, pôde capitalizar - se e expandir as suas atividades. Esta expansão por sua vez, gerou uma série de externalidades positivas ao comércio e aos serviços, resultando daí uma elevação geral dos níveis de emprego que, por sua vez, refletiu - se no aumento do fluxo migratório interno.



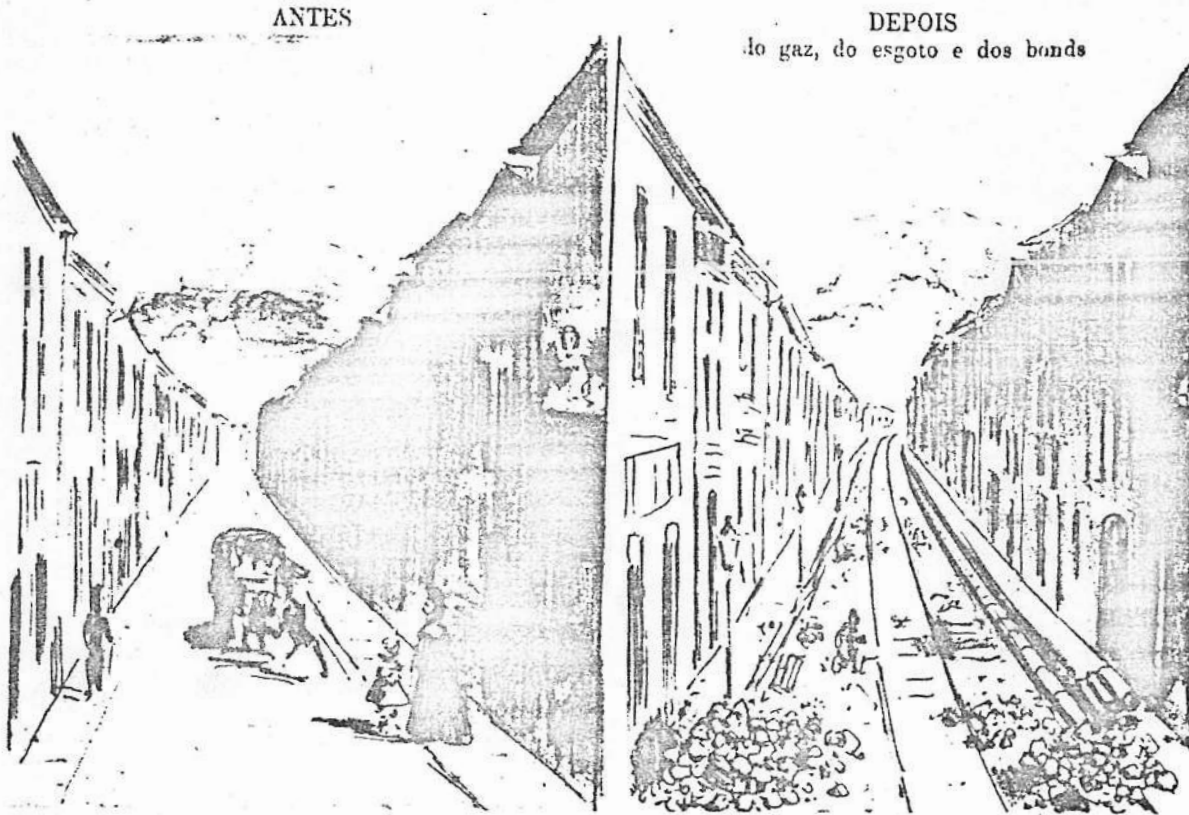
Tipo do morro

Atraindo grande quantidade de força de trabalho e não oferecendo espaços para a sua reprodução, a reforma Passos viabilizou o desenvolvimento de sua própria negação, ou seja, a proliferação de um habitat que já vinha lentamente se

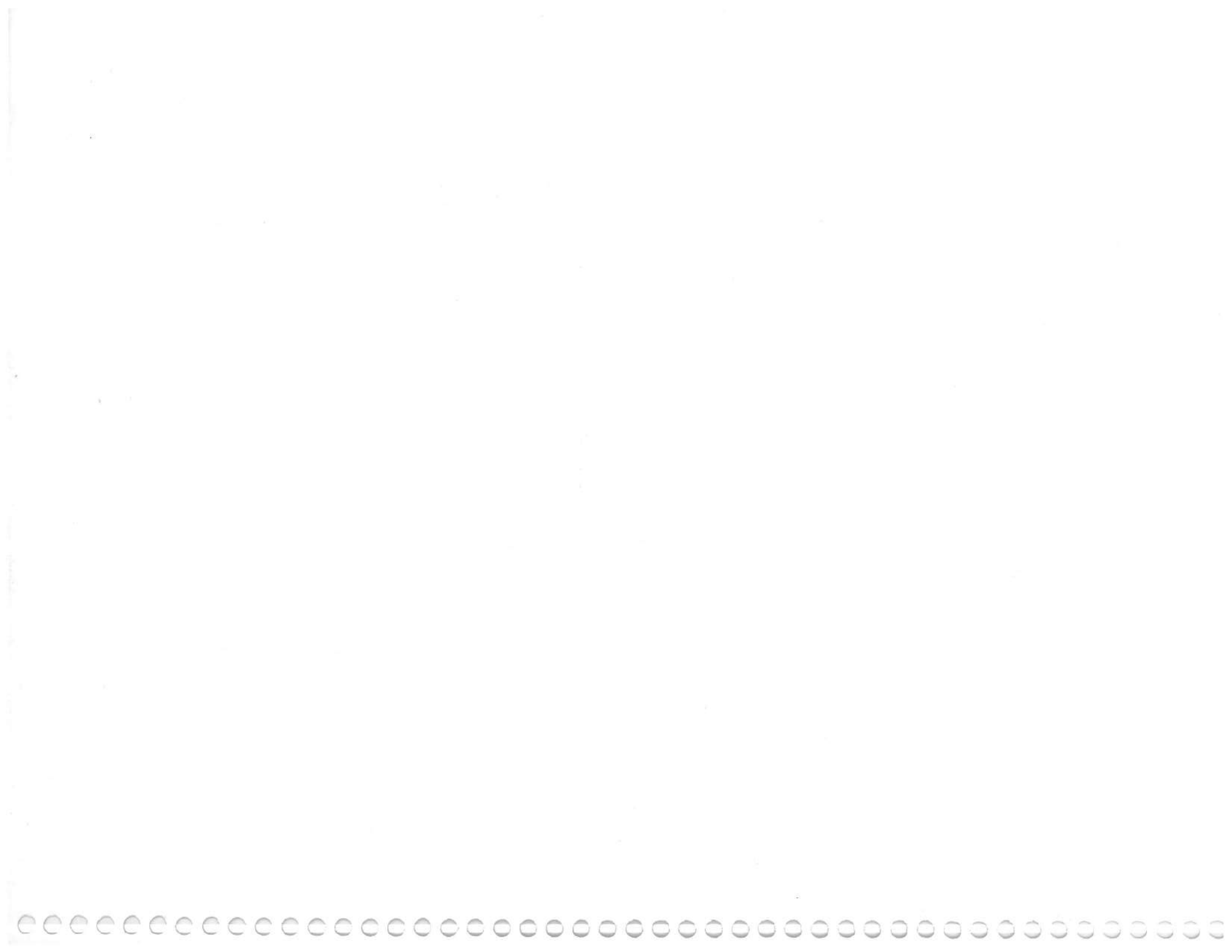
desenvolvendo na cidade em substituição as formas anteriores e que, por sua informalidade e falta de controle, simbolizava tudo o que se pretendeu erradicar da cidade: a favela. Era a perpetuação da moradia anti-higiênica, insalubre e em desacordo com a estética oficial. Colocando em "cheque" a intensão de transformar a cidade em vitrine do país. A favela veio substituir o cortiço enquanto solução de moradia para a população de baixa renda e como foco de manifestações sócio-culturais que divergiam das intensões oficiais, que tendia a adaptar o modelo europeu de comportamento (o francês principalmente) e, posteriormente, o norte-americano à sociedade carioca.

A remodelação do ambiente da cidade presupunha mudanças profundas no seu perfil humano e o afastamento físico daqueles que não correspondiam ao novo modelo de homem (em hábitos e costumes). As áreas recriadas pelo esforço público, saneadas e embelezadas, não tem por destino o homem da rua, mas o burgues. Pois é, em fim, a cidade burguesa que se implanta sobre a negação do seu passado colonial. Foi o fim da velha cidade colonial como modelo a ser reproduzido e perpetuado. Era o início do crescimento urbano dinamizado pelos novos padrões econômicos e sociais. Mas, como afirmava Agache, "... apesar dos progressos cada vez mais completos e mais extensos, o homem não se sente à vontade na grande cidade. Apesar das mais admiráveis construções que aqui e ali adornam a cidade, ela é de fato um conjunto bastante caótico, que marca uma falta de harmonia e de continuidade no seu desenvolvimento. Todos esses trabalhos positivos do desenvolvimento da grande cidade, referen-se aos

homens considerados no sentido da coletividade, mas não estão a altura da família considerada como cédula social. A grande cidade é indiferente ao grupo familiar ..." (21). E indiferente ao homem que a habita, pois o progresso e a ordem que se estabelece por coação administrativa, não visa a coletividade mas ao atendimento das demandas de uma fração da população que interagirá com satisfação com a cidade reconstruída.



Fonte: Semana Ilustrada nº 471-19/12/1868. Pág. 3765



BIBLIOGRAFIA

- (1) ----- Hélio Jaguaribe. Reprodução xerográfica sem especificações bibliográficas.
- (2) OS BESTIALIZADOS - José Murilo de Carvalho. Cia das Letras. SP, 1987
- (3) idem
- (4) idem
- (5) idem
- (6) idem
- (7) idem
- (8) EVOLUÇÃO URBANA DO RIO DE JANEIRO - Mauricio de Abreu. Zahar. RJ. 1987
- (9) idem
- (10) A CIDADE NA HISTÓRIA - Lewis Mumford. Reprodução Xerox sem especificações bibliográficas.
- (11) idem (1)
- (12) idem (2)
- (13) idem
- (14) ----- Mauricio de Abreu. Reprodução xerográfica sem especificações bibliográficas.
- (15) O RIO DE JANEIRO DE LIMA BARRETO - Coordenação de Afonso Carlos Marques dos Santos. Ed. Rio Arte. RJ. 1983
- (16) O RIO DE JANEIRO DE MEU TEMPO - Luiz Edmundo. Ed. Conquista, 2 edição. RJ. 1957
- (17) A AVENIDA RIO BRANCO - Escragnolle Doria. Rev. Eu Sei Tudo. ano 7, numero 79, data 12/1923. RJ.
- (18) idem (16)

(19) idem (16)

(20) ----- xerox sem referencia

bibliográfica

(21) ----- xerox sem referencia

bibliográfica